

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA CARLA CAMPOS HIDALGO DE ALMEIDA

**A ENFERMEIRA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL
DOS ADOLESCENTES E O OLHAR DA FAMÍLIA**

CURITIBA

2008

ANA CARLA CAMPOS HIDALGO DE ALMEIDA

**A ENFERMEIRA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL DOS
ADOLESCENTES E O OLHAR DA FAMÍLIA**

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre.

Orientadora: Prof^a.Dr^a. Maria de Lourdes Centa.

CURITIBA

2008

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA CARLA CAMPOS HIDALGO DE ALMEIDA

A ENFERMEIRA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL DOS ADOLESCENTES
E O OLHAR DA FAMÍLIA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Enfermagem, Área de concentração Prática Profissional de Enfermagem, do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Enfermagem, Setor de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Centa
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Prof^a. Dr^a. Enedina Soares
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof^a. Dr^a. Liliana Maria Labronici
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Curitiba, 21 de fevereiro de 2008.

Primeiramente a Deus por iluminar meu caminho e me dar oportunidade de realizar um sonho.

Aos meus pais José Carlos e Ana Conceição, pelo acolhimento, força e amor incondicional.

Aos meus amados filhos Luiz Felipe e Gabriela, por entender e vivenciar junto comigo este momento e ainda me fazer conhecer o verdadeiro sentido da palavra família.

Ao meu marido Demétrio, por assumir nossos filhos em minha ausência, meu amor e respeito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do curso de pós-graduação em enfermagem da Universidade Federal do Paraná pelo conhecimento transmitido ao longo do curso de mestrado.

Às minhas queridas colegas de mestrado pela amizade e pelos momentos de cumplicidade. Vocês serão sempre especiais.

As famílias colaboradoras desta pesquisa por suas palavras e valiosa contribuição, meu imenso respeito.

Aos adolescentes por me ensinarem um pouco de seu mundo tão particular.

À amiga Joana, pelo auxílio e incansável companheirismo, lembrarei sempre de nossos momentos juntas.

Ao meu irmão, José Neto, por muitas vezes deixar o cansaço de lado e estar ao meu lado.

À Margarete, fiel escudeira, sempre presente em minhas ausências.

À minha sogra, Gecilda, pelo apoio recebido.

À escola Intentus e a diretora Dora pela possibilidade em realizar a pesquisa.

Às professoras, Liliana Labronici, Mariluci Maftum, Enedina Soares e Verônica Mazza pelas contribuições e sugestões.

À amiga Liana, pela amizade e ajuda em todos os momentos que precisei.

Em especial, agradeço a prof^a. Maria de Lourdes Centa, por sempre compartilhar sua sabedoria e experiência, por me ensinar muito mais do que realizar uma pesquisa. Por seu carinho, respeito, confiança e profissionalismo. Será difícil expressar com tão poucas palavras meu agradecimento e consideração. Você será sempre um modelo a ser seguido.

“A família, quer se trate das relações entre os esposos, entre pais e filhos, entre o lar e o exterior, é como o cadinho onde as tensões entre autonomia e comunhão, fusão e oposição, unidade e diversidade, permanência e renovação são vividas; devem ser vividas em nível privilegiado e original e encontram sem cessar um transbordamento fecundo no amor e na esperança”.

(Cardeal Villot)

RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar como os pais vivenciam a educação sexual dos filhos adolescentes. A amostra foi composta por dez familiares, pais de alunos matriculados na 7ª e 8ª séries do ensino fundamental de uma escola particular do município de Toledo, estado do Paraná. A metodologia escolhida foi a pesquisa qualitativa descritiva. Utilizou-se a entrevista semi-estruturada para a coleta dos dados, os quais foram analisados através do método do Discurso do Sujeito Coletivo proposto por Lefèvre e Lefèvre (2003). Os aspectos éticos foram respeitados levando-se em conta o que é preconizado pela Resolução 196/96. As entrevistas foram realizadas de agosto a setembro de 2007. Os resultados deste estudo revelam que a orientação sexual dos filhos é um processo complexo que provoca, nos pais, diversos sentimentos e conflitos. Na compreensão destes pais a sexualidade possui vários significados, entre eles: um tema que nunca é pensado e falado; relacionado ao ato sexual; visto como mudanças e transformações; diferença entre gêneros; uma forma de conhecimento de si e do outro; manifestações de sentimentos e ações e assunto que envolve princípios e valores. Perceber a sexualidade do filho adolescente acontece por meio da observação de mudanças físicas e comportamentais e a manifestação de sentimentos novos. Em relação ao modo como orientam seus filhos sobre sexualidade e as dificuldades e facilidades experimentadas, os pais referem que a influência da educação recebida pode facilitar ou dificultar o processo que procuram transmitir para seus filhos uma educação baseada nos valores da família e acham importante o diálogo e a conversa franca com os filhos, embora, algumas vezes, a comunicação entre pais e filhos adolescentes seja difícil. Reconhecem a importância da educação sexual realizada na escola e como forma de ajuda para que possam orientar melhor seus filhos exteriorizam que sentem necessidade de ajuda profissional e indicam estratégias que poderão ser utilizadas como: grupo de pais, orientação sexual realizada na escola, livros, palestras, panfletos e dicas. Conclui-se que a educação sexual na adolescência é um processo delicado que precisa ser realizado continuamente e o mais precoce possível. Neste processo a enfermeira pode atuar como facilitadora à medida que ajuda os pais a enfrentar as diversas questões que surgem.

Palavras-chave: Família, adolescente, educação sexual, enfermagem.

RESUMEN

Este estudio ha tenido el objetivo de identificar a los padres como vivencian la educación sexual de sus hijos adolescentes. La muestra fue compuesta por diez familiares, padres de alumnos cursando la 7^a y 8^a series de la enseñanza fundamental de una escuela privada del municipio de Toledo, en Paraná. La metodología elegida fue la investigación cualitativa descriptiva. Se utilizó una entrevista semiestructurada para el desarrollo de los datos y fueron analizados a través del método del Discurso del Sujeto Colectivo propuesto por Lefèvre y Lefèvre (2003). Los aspectos éticos fueron respetados llevándose en cuenta lo que es preconizado por la resolución 196/96. Las entrevistas fueron realizadas desde agosto hasta septiembre de 2007. Los resultados de la investigación revelan que la educación sexual es un proceso complejo que provoca muchas reacciones y tensiones en los padres. La comprensión de los padres sobre sexualidad va desde: un tema que casi nunca es pensado; hasta manifestación de principios y valores. Ellos perciben la sexualidad del hijo adolescente a través de los cambios físicos y comportamentales que ocurren y por las manifestaciones de nuevos sentimientos. En relación al modo como orientan a sus hijos sobre sexualidad y las dificultades y facilidades experimentadas, los padres dicen que la influencia recibida puede facilitar o dificultar el proceso, que buscan educar a sus hijos basados en valores, principios, ritos, mitos y costumbres. En este proceso, los padres valorizan el diálogo y una conversa abierta con los hijos, aunque, algunas veces, la comunicación entre padres y hijos adolescentes sea difícil; reconocen la importancia de la educación sexual realizada en la escuela y como ayuda para que los padres puedan mejor orientarlos, refieren que necesitan ayuda profesional capacitada, uso de metodología como grupo de padres, orientación realizada en la escuela, libros, materiales educativos para realizaren esta formación. La conclusión es que la educación sexual en la adolescencia es un proceso complejo pero necesita ser realizada periódicamente y lo más pronto posible. En este proceso la enfermera puede actuar como facilitadora en la medida que ayuda a los padres a enfrentar las diversas cuestiones que surgen.

Palabras-claves: Familia, adolescente, educación sexual, enfermería.

ABSTRACT

This study aims to identify how parents face sexual education of adolescents. The sample was composed by ten parents of students of the 7th and 8th grade of elementary school at a private school in the municipality of Toledo, in Paraná state. The chosen methodology was qualitative-descriptive research. It was used half-structured interview for collection of data, which were analyzed through the Collective Subject Speech method proposed by Lefèvre & Lefèvre (2003). The ethical aspects were respected as it was taken into account what is praised by the Resolution 196/96. Interviews were carried out between August and September, 2007. The results of the research reveal that sex education is a complex process that provokes several feelings and conflicts on the parents. When reflecting about the meanings of sexuality parents responded in several different ways, such as sexual activity; changes and transformations; differences between genders; a way of self knowledge; manifestations of feelings and actions; a topic that involves principles and values; and also a topic that they never think of. Realizing the sexuality of an adolescent happens through the observation of physical and behavioural changes, as well as the manifestation of new feelings. In what refers to the way they raise their kids in what concerns to sexuality, and the difficulties and facilities faced, parents declare that the influence of their own early sex education may turn things to be harder or easier. They also mention that they look forward to transmitting to their kids an education based on family values and believe dialogue and honest conversation are important, even though, sometimes, this communication between parents and adolescents is difficult. Parents recognize sex education at school as an important factor for them to raise their kids; reveal the lack of professional support and indicate strategies that can be used such as: parents group, sex orientation at school, books, speeches, folders and tips. It is concluded that sex education during adolescence is a complex process that needs to be performed in a continuous way and as early as possible. In this process nurses can play the role of a facilitator as they help parents to face all the issues that occur.

Key-words: Family, adolescent, sex education, nursery

LISTA DE SIGLAS

DST- Doença sexualmente transmissível

DSC- Discurso do Sujeito Coletivo

ECH- Expressões-chave

IC- idéia central

OMS- Organização Mundial da Saúde

PCN- Parâmetros Curriculares nacionais

TCLE- Termo de consentimento livre e esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 A ADOLESCÊNCIA E O DESENVOLVIMENTO SEXUAL.....	19
2.2 A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA	22
2.3 A FAMÍLIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL DO ADOLESCENTE.....	25
2.4 A ENFERMEIRA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL	30
3 METODOLOGIA	34
3.1 TIPO DE PESQUISA	34
3.2 CENÁRIO DA PESQUISA	35
3.3 CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA	35
3.4 ENTREVISTA	36
3.5 PARTICIPANTES DA PESQUISA	37
3.6 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	37
3.7 COLETA, REGISTRO E ANÁLISE DOS DISCURSOS	38
4 RESULTADOS	41
4.1 CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO	41
4.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO DISCURSO DE SUJEITO COLETIVO.....	43
4.2.1 Entendendo o significado de sexualidade	43
4.2.2 Percebendo o desenvolvimento da sexualidade do seu filho	54
4.2.3 Orientando os filhos sobre sexualidade	61
4.2.4 Ajuda na orientação sobre sexualidade	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICE 1	99
APÊNDICE 2	100
ANEXOS	101
ANEXO A	101
ANEXO B	103

1 INTRODUÇÃO

Vivemos num mundo onde a sexualidade é, muitas vezes, mal interpretada, vulgarizada e usada de forma indevida, no qual o sagrado é confundido com o profano, entretanto, não devemos esquecer que cada família é única, que possui suas especificidades, seus valores e sua herança cultural. Neste contexto, a sexualidade dos adolescentes deve ser enfocada com conhecimento e respeito visando a saúde e ao bem estar tanto dos adolescentes como de suas famílias. Neste processo, todos, enfermeiros, docentes e família devem unir-se e buscarem a melhor forma de ação.

É com base na saúde e bem estar dos adolescentes e de suas famílias que as atividades de promoção á saúde realizadas pela enfermeira devem estar focadas nas reais necessidades do adolescente e de sua família, para que sejam eficazes e resolutivas.

Nessa perspectiva, entende-se que a sexualidade faz parte do dia a dia de todos os indivíduos e, embora, muitas vezes, velada ou mal resolvida não podemos deixar de mencioná-la ou tentar ignorá-la.

Ao retroceder no tempo encontramos que mesmo nos períodos mais antigos da humanidade, a sexualidade já era demonstrada e que em cada época ela apresenta um tipo de abordagem e uma manifestação própria (QUINTELLA, 1992).

A partir do século XIX ela começa a ser foco de estudo em diferentes áreas do conhecimento e é discutida nas diversas instituições como na escola e na rede familiar, tornando-se parte das relações sociais (CAMARGO; RIBEIRO, 2003).

Quando se aborda a sexualidade com adolescentes observa-se uma infinidade de idéias, perturbações, expectativas e dúvidas que são manifestadas ao longo desta etapa de vida. Entretanto, é justamente neste período da vida que a educação sexual deve ser praticada, não de maneira superficial e confusa, mas, de forma harmônica e saudável (CHARBONNEAU, 1979).

O despertar da sexualidade é algo que vai se construindo e aprendendo, visto que faz parte do desenvolvimento do indivíduo, motivo pelo qual ela pode interferir em todo o processo de formação da personalidade (BRÊTAS, 2004).

Concordamos com Tiba (2005) quando refere que a adolescência é um período de transformações biopsicossociais, é um tempo de afirmação da personalidade e formação de relações mais profundas com a sociedade, escola e, principalmente com a família. Ela é caracterizada como uma etapa de transição entre a infância e a idade adulta, pode ser considerada de fundamental importância por apresentar características muito peculiares que conduzem a criança à tornar-se adulto capaz de reproduzir (ZAGURY, 2002).

O início da adolescência é acompanhado pela busca da identidade e pelo despertar do erotismo, o que a faz um período crítico no qual poderá surgir um aumento de conflitos entre pais e filhos. Nela há busca e determinação de valores, ideologias e estilo de vida. É marcada por uma vulnerabilidade a certos tipos de disfunção e acidentes relacionados ao sexo e abuso de drogas (PINCUS; DARE, 1987).

É nesta fase que muitas famílias podem sentir-se despreparadas para atender as exigências dos filhos por sentirem-se incapazes intelectual e emocionalmente para orientar, conduzir, informar e direcioná-los sobre sexualidade em suas várias dimensões (SIERRA, 2004). Neste sentido, é preciso que tanto os adolescentes como os pais compreendam e vivenciem esta fase valorizando seus conhecimentos, sua história e suas crenças para que tomem consciência de que a família é um espaço essencial na formação destes indivíduos (MARQUES; VIEIRA; BARROSO, 2003).

É na adolescência que o indivíduo cresce, desenvolve-se e amadurece, portanto, a família pode ser considerada como espaço indispensável para garantir a sobrevivência, a proteção integral de seus membros, independente da dinâmica familiar ou da forma que está estruturada. Osório (2002), lembra que o meio familiar propicia a sustentação da afetividade e também, desempenha um papel decisivo na educação de seus membros, pois é nela que são aprendidos os valores éticos e humanitários.

Os pais, muitas vezes, não sabem ao certo como agir diante das demonstrações da sexualidade de seus filhos. Aceitar e entender a maneira de pensar dos jovens não é tarefa fácil, portanto, para uma grande parte das famílias é preciso entender as diferenças de idéias, rever preconceitos e estereótipos, uma vez que o crescimento dos filhos causa mudanças no meio familiar que podem gerar

conflitos entre gerações, momentos de insegurança, dificuldades de comunicação entre pais e filhos (MALDONADO, 1996).

É importante que ao perceberem a entrada dos filhos na puberdade, os pais procurem entendê-los de forma a facilitar o vínculo afetivo. É essencial que se crie um ambiente de confiança para que, ao perceber o início da adolescência, haja uma proximidade entre ambos que fará com que não se sintam sozinhos, perdidos ou desorientados, o que os ajudará a compreender e vivenciar esta fase, valorizando seus conhecimentos, sua história, pois a família é o espaço primordial de formação desses sujeitos (NOLTE; HARRIS, 2005).

Levando-se em conta que o suprimento das necessidades básicas do homem como segurança, dignidade, comunicação e sexualidade, ocorre inicialmente na família, qualquer manifestação dentro dela, ajuda o adolescente a crescer e desenvolver-se (COSTA, 1986).

A tendência, hoje, no que se refere à saúde do adolescente é a orientação sexual precoce, porque possibilita a prevenção de doenças, a melhoria da qualidade de vida, a promoção da saúde e a prática saudável e responsável da sexualidade.

A educação sexual é um assunto que geralmente causa muita polêmica, pois ao falarmos de sexualidade devemos envolver todas as dimensões do ser humano. Girondi, Nothaft e Mallmann (2006) refere que ela é necessária, pois possibilita a passagem de informações, orientações, conhecimentos e também normas de comportamento.

Discutir a sexualidade permite, desde cedo, que crianças e adolescentes procurem cultivar hábitos mais saudáveis, possam esclarecer dúvidas e falar de questões pertinentes à sua própria saúde (CRIVELARI, 2007).

A enfermeira poderá assistir/cuidar tanto do adolescente como de sua família neste período de transição através de aconselhamento, troca de idéias, esclarecimentos e ações que possam prevenir problemas, tornando esta etapa de vida mais saudável e harmoniosa. Ela é uma das profissionais da área da saúde que está habilitada para desenvolver ações de educação em saúde, portanto, poderá planejar e implementar ações que favoreçam a saúde do adolescente e também apoiar sua família, pois é nesse período que os pais, embora notando mudanças significativas no modo de ser e de viver de seus filhos, apresentam grande dificuldade para interagir com eles, principalmente no que se refere à sexualidade (RAMOS, 2001).

É importante destacar que a adolescência é uma fase de transição entre a infância e a idade adulta na qual o desenvolvimento da sexualidade tem uma importância fundamental na formação do indivíduo, de sua identidade, na determinação de sua auto-estima, nas relações afetivas e na sua inserção na sociedade (SILVA; TONETE, 2006). Neste processo, a família, a escola e os profissionais de saúde são elementos importantes para se conseguir obter saúde, bem estar e qualidade de vida dos adolescentes (RAMOS, 2001).

A orientação sexual é certamente uma tarefa difícil de realizar, pois além de ser bastante complexa, não basta simplesmente ter conhecimento para praticá-la com eficiência e resolutividade. É no ambiente familiar que começa o processo de apreensão de conhecimentos referentes à sexualidade, é onde os adolescentes formam as primeiras opiniões, portanto é fundamental que a família forneça este tipo de orientação de maneira adequada (WEREBE, 1981; SIERRA, 2004).

A descoberta do sexo é algo que acontece posteriormente a infância, quando se inicia a puberdade. Nolte e Harris (2005) referem que, ele é descoberto como fonte de atração, em parte pelo desenvolvimento dos órgãos genitais e dos impulsos sexuais, que através de suas primeiras manifestações corporais levam o jovem a uma situação ao mesmo tempo de prazer e vergonha. É neste momento que o adolescente já não consegue mais ficar alheio às transformações, tenta entender as mudanças no seu corpo e faz às primeiras descobertas em relação à sua sexualidade (COSTA, 1986).

Durante a adolescência é muito comum os filhos ficarem distantes dos pais, dificultando o relacionamento entre ambos. Por muitas vezes os pais sentem-se incompetentes para estabelecer relações com seus filhos à medida que vão crescendo, temendo em alguns casos, deparar-se com o despertar da sexualidade (TIBA, 2005).

Estudos realizados por Nunes e Silva (2001), mostram o aumento da preocupação das lideranças políticas, dos profissionais de saúde, pais e educadores a respeito do compromisso em desenvolver ações integradas para a melhoria na qualidade da assistência ao adolescente. Esta preocupação aumentou em função da precocidade da iniciação sexual entre os jovens e, como conseqüência, a elevação do número de gravidez indesejada na adolescência, bem como de outros agravos à saúde.

Pode-se atribuir grande parte dos problemas que acometem os adolescentes, como sendo reflexo de práticas sexuais desprotegidas. Dentre estes problemas observou-se um significativo aumento do número de casos de contaminação pela AIDS entre jovens de 13 a 19 anos o que torna mais necessário programas voltados para esse público (CASTRO; ABRAMOVAY ; SILVA, 2004).

A educação sexual tem como finalidade desenvolver a capacidade do adolescente de ser responsável pelo próprio corpo e de adotar atitudes maduras diante de tantas manifestações de sexo. Assim sendo, ela é um processo único, porque as próprias pessoas são particularmente diferentes em cada momento, em cada ato.

Charbonneau (1979) refere que se deve leva em conta que o homem é um ser complexo em vários aspectos: intelectual, social e moral, motivo pelo qual a orientação sexual deve ser antes de tudo ética e a melhor maneira para realizá-la é com naturalidade.

Apesar das políticas de saúde e dos esforços dos profissionais da área, ainda há grande número de gravidez indesejada na adolescência, práticas sexuais inadequadas sem o uso de preservativo, casos de alcoolismo em jovens e DST (CARIDADE, 1999).

Acredita-se na importância do trabalho informativo e contínuo, pois através dele é possível planejar ações educativas eficientes, capazes de sensibilizar tanto meninas quanto meninos, para prepararem-se para as transformações da vida antes mesmo que elas aconteçam. Entretanto, alguns pais parecem sentir-se despreparados para orientar seus filhos sobre sexualidade, reprimindo-a ou omitindo informações. Nunes e Silva (2001) sugerem o desenvolvimento de trabalho integrado envolvendo o adolescente, a família e a escola para que os jovens aprendam a conhecer e lidar com sua sexualidade, obtendo, assim, melhor qualidade de vida.

A família deve ser incluída na educação sexual de seus filhos adolescentes e o profissional de saúde tem a função de apoiá-la, fortalecê-la e orientá-la. Corroboramos com Silva e Tonete (2006), quando referem que trabalhar com família exige atenção especial por parte da enfermeira, pois cada família possui uma história de vida. Quando se trata de abordar questões referentes à sexualidade ela possui valores, mitos, ritos, tabus, costumes e vivências próprias. Portanto, neste processo, a enfermeira e as famílias, devem compartilhar conhecimentos e ações

com objetivo de orientar os adolescentes para exercerem sua sexualidade com responsabilidade, dignidade e prazer.

1.1 O INTERESSE E A ESCOLHA PELO TEMA

Durante a minha trajetória profissional sempre me senti motivada para atuar na área de reprodução humana e família. Devido ao trabalho que desenvolvia de orientação sexual com crianças e adolescentes na área escolar fui convidada pela diretora de uma escola de ensino fundamental do município de Toledo, Paraná, para desenvolver um trabalho com crianças e adolescentes sobre sexualidade.

Este trabalho é realizado há nove anos e deu-me a oportunidade de participar do universo escolar, buscando novos conhecimentos e permitindo adentrar-me em um campo pouco trabalhado pelas enfermeiras, como o desenvolvimento de programas de orientação sexual na escola. Inicialmente esta atividade era voltada principalmente para os adolescentes, mas com o passar do tempo, as crianças também foram sendo incluídas, tendo em vista a necessidade de abordar precocemente o tema.

No começo, os temas trabalhados eram os que estavam relacionados ao aparelho reprodutor feminino e masculino, gravidez, DST e drogas. As discussões dos temas tinham como objetivo levar maiores informações aos alunos e estimular o pensamento crítico e a reflexão.

De acordo com Muraro (1992), a educação sexual na escola ajuda a formar nos adolescentes e crianças novos conceitos sobre sexualidade, permite discutir tabus e crendices e promover mudanças de comportamento em todos os envolvidos.

Com o propósito de implementar a educação sexual na escola, de forma ampla, envolvendo não só os alunos, mas, também, os professores e as famílias, foi o que iniciou o trabalho de sensibilização dos professores, ocasião em que pude observar quantas dúvidas e dificuldades para falar sobre sexualidade eles tinham.

Aos poucos fui aprofundando meus conhecimentos sobre o tema, o vínculo com os alunos, com os professores e com as famílias foi se estreitando e meu trabalho começou a aparecer e a ser cada vez mais solicitado.

Era visível o interesse dos alunos, pois à medida que os encontros aconteciam, eles solicitavam mais discussões e pediam para que fossem abordados novos assuntos referentes à sexualidade.

Observei que a palavra “sexualidade” era bastante mencionada por todos na escola, mas tinha dúvidas se realmente as pessoas sabiam e refletiam sobre o seu real significado. Percebi que muito antes de ensinar sobre anatomia do aparelho reprodutor, falar sobre gravidez e drogas, era essencial incentivar a todos a pensar e debater o que é sexualidade. Como eu podia, como profissional, ultrapassar um obstáculo sem ter passado por outro, ou seja, como abordar questões referentes à sexualidade sem antes ter falado sobre ela?

Foi aí que o trabalho tomou forma e que as ações educativas foram sendo elaboradas de acordo com a faixa etária do grupo a ser trabalhado. Neste momento outros temas foram incluídos no trabalho como: relacionamento familiar, namoro, amor, virgindade, ficar¹, auto-estima, preconceito, valores morais entre outros.

Desta maneira, ao vivenciar, junto aos alunos, as expectativas e descobertas próprias da adolescência, principalmente no que diz respeito à sexualidade, percebi, no transcorrer do trabalho, que a maioria dos pais não dialogava com os filhos e que depositava na escola a responsabilidade pela sua educação sexual. Isto muitas vezes, ocorre devido à dificuldade dos pais de discutir o assunto no meio familiar, o que torna necessário realizar um trabalho voltado à educação da sexualidade junto aos pais.

Ao me conscientizar desta ocorrência observei que seria relevante incluir a família neste processo, visto que cabe a família a tarefa de educar, de transmitir valores, costumes, ritos e mitos os quais ela acredita e deseja transmitir para os filhos. Mesmo com dificuldade e constrangimento e, ainda, sabendo que a escola desenvolve de alguma forma o trabalho de orientação sexual, a família não pode ficar isenta de sua responsabilidade de orientar seus filhos sobre sexualidade.

Nesta perspectiva, resolvi enfrentar o desafio e pesquisar como a família vivencia a educação sexual de seus filhos, com o intuito de aprofundar meus estudos na área da sexualidade e tentar implementar, ações educativas que possam envolver não só alunos e os professores, mas toda a rede familiar.

Acreditamos que entender como os pais realizam a educação sexual de seus filhos é melhorar a qualidade da educação, é dar oportunidade para esclarecer

¹ ficar é o relacionamento sem compromisso, envolvendo ou não a relação sexual (SUPLICY, 1995).

dúvidas, é propiciar um momento no qual toda a rede de relação dos adolescentes possa discutir trocar idéias e experiências sobre este tema, que tanto preocupa pais e educadores.

Para este estudo delineamos o seguinte objetivo: Identificar como os pais vivenciam a educação sexual de seus filhos adolescentes

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A ADOLESCÊNCIA E O DESENVOLVIMENTO SEXUAL

A adolescência pode ser definida como uma etapa de mutação, passagem e inúmeras mudanças na qual o indivíduo depara-se com várias inquietações. É também momento de sentimentos contraditórios, atração pelo sexo oposto, descontentamento, prazer e curiosidade. O processo de adolecer possui fatores genéticos, biológicos, sociais, emocionais e culturais.

A fase de transição marcada pelas transformações biopsicológicas promove a definição das características sexuais secundárias nos meninos e nas meninas, tornando-os aptos para reproduzir. Ambos vivenciam um aumento no desenvolvimento cognitivo e na estrutura da personalidade e apresentam modificações externas e hormonais (CRIVELARI, 2007; TIBA, 1994).

É nesta fase da vida são percebidas várias modificações, principalmente as comportamentais, sendo o desabrochar da sexualidade, fator importante que interfere na qualidade de vida dos adolescentes (SIQUEIRA, 2003).

Estes acontecimentos marcam de maneira significativa o processo de amadurecimento e o início de suas vidas reprodutivas, promovem a definição dos caracteres sexuais secundários nos meninos e nas meninas, propiciando um amadurecimento de ambos os aparelhos reprodutores causando impacto no desenvolvimento sexual.

A adolescência é caracterizada por intenso crescimento, desenvolvimento e marcantes transformações anatômicas, quando o indivíduo busca a sua identidade adulta, tomando como ponto de apoio às primeiras relações afetivas vivenciadas, principalmente na família (ABERASTURY; KNOBEL, 1986).

À medida que os fenômenos da puberdade acontecem ficam marcadas as diferenças específicas dos dois sexos, as quais mais tarde contribuirão para distinção na formação da identidade definitiva. Na adolescência, alguns sinais ficam evidentes como o crescimento dos seios e a menarca ou primeira menstruação nas meninas. Nos meninos há um aumento dos testículos e a primeira ejaculação(SIQUEIRA, 2003).

É na adolescência, que os jovens encontram-se no auge de sua energia vital e sexual, e que meninos e meninas encontram-se movidos pelo mesmo interesse sobre a sexualidade. Nasce o afeto apaixonado, a primeira relação sexual, o sexo completo e os namoros sérios. É o início de uma nova etapa de vida na qual, a busca da própria identidade torna-se constante, e, na maioria das vezes, acompanhada de angústias, receios, conflitos e dúvidas (CASTILLO, 1991).

É neste momento que o adolescente percebe a sexualidade como algo importante, pois pode ser considerada como uma das dimensões do ser humano e vivenciada ou expressa de várias maneiras por meio de pensamentos, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. Hoz (1998) adverte que, deve-se entender a sexualidade não apenas como a capacidade de se reproduzir do indivíduo, mas, como algo muito mais complexo na qual está envolvida sua história, seu costume e sua cultura.

É uma época em que o jovem busca constantemente a maturidade e luta contra as suas próprias dificuldades, sendo antes de tudo, um período de crescimento que torna possível a passagem da infância para a idade adulta (CANO; FERRIANI, 2000).

Nessa fase, ocorre o desenvolvimento de novas capacidades mentais, de força física, e de mudança na forma de ser e de estruturar a personalidade. A busca pela identidade talvez seja a marca mais importante da adolescência, visto que o indivíduo toma consciência de suas necessidades pessoais, de suas possibilidades e limitações. Todo esse processo de desenvolvimento acaba fazendo da adolescência um período de amadurecimento pessoal intenso (TIBA, 1994).

Castillo (1991) salienta que o despertar da personalidade implica, por outro lado, num desejo de acreditar em si, mesmo que isso signifique o enfrentamento de muitos problemas e desafios não observados na infância, fazendo com que o adolescente ao vivenciar sentimentos de culpa e vergonha experimente a desconfiança. Ao tomar consciência de novas experiências e ocorrências o adolescente se depara com uma série de necessidades em relação à identidade pessoal, a busca da intimidade e da auto-realização.

Várias são as questões que envolvem o processo de adolecer, conforme cita Nolte e Harris (2005), sendo que nelas estão incluídas diversas modificações fisiológicas, psicológicas e sociais, na qual a sexualidade tem grande relevância.

Para Zagury (2002) as mudanças biológicas presentes neste período da vida propiciam também certos eventos psicológicos que acabam naquilo que chamamos de aquisição da identidade sexual ou das características mentais do sexo a que se pertence.

Ao ser tomado pelas mudanças o adolescente deixa de ser criança, torna-se capaz de pensar sobre si mesmo e sobre o mundo e deseja certa autonomia para viver. Os pêlos começam a crescer pelo corpo, as glândulas são ativadas, estimulando assim, o crescimento acelerado provocando mudanças físicas e comportamentais (BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006).

Estas mudanças ocorrem para todos, porém é preciso levar em conta os fatores culturais, geográficos e religiosos e sua rede de relações, entendendo que é preciso descobrir que o mundo do adolescente é formado de outros universos menores de acordo com a realidade de cada um (SIQUEIRA, 2003).

Apesar disso, como será que o adolescente percebe estas mudanças? Elas vão além das mudanças biológicas, características da idade, e são carregadas de emoções, sentimentos, sensações e costumes sociais. Devido a isso, é necessário ensiná-los a conhecer e respeitar o próprio corpo, entendendo suas transformações, adotando hábitos saudáveis. Tiba (2005) refere que é fundamental que os adolescentes conheçam a fisiologia das alterações hormonais presentes na adolescência para que tanto o menino como a menina reconheça as diferentes reações frente à sexualidade.

Hoje o adolescente é foco de atenção nas sociedades modernas. A questão de sua sexualidade tem sido amplamente discutida levando-se em consideração os diversos problemas que permeiam esta etapa de vida.

No Brasil, os adolescentes continuamente despertando o interesse de políticas públicas, de pesquisadores, de gestores e de educadores. Dados mais recentes mostram a precocidade da iniciação sexual entre os jovens e com isso há necessidade de programas cada vez mais eficazes que sejam capazes de dar suporte e alavancar medidas preventivas direcionadas à saúde do adolescente (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

É necessário que todas as instituições que trabalham com adolescentes estejam preparadas para assistir/cuidar dos jovens discutindo questões pertinentes à sexualidade.

Devido à necessidade de regulamentar os direitos dos adolescentes é proclamada a Lei Federal n 8.069, de 13 de julho de 1990 que assegura a proteção e garantia de todos os direitos das crianças e adolescentes brasileiros. Desde a sua criação, articula-se a implementação de políticas públicas focalizadas na proteção à vida e à saúde da criança e do adolescente que permitam seu desenvolvimento sadio e harmonioso. Eles deverão gozar de todos os direitos fundamentais relativos à pessoa humana, assegurando-lhes o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social com liberdade e dignidade. Garantindo-lhes o direito de usufruir de seu pleno amadurecimento e o de preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Segundo o Estatuto da criança e do adolescente (ECA) é essencial que seja incluído, neste processo, a educação da sexualidade, pois ele tem como objetivo oferecer às crianças e adolescentes condições para que cresçam com saúde, conscientes de seu papel na sociedade, praticando sua sexualidade com responsabilidade (BRASIL, 2003).

2.2 A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência vem preocupando a comunidade científica mundial tanto na área da saúde como na da educação, pois são vários os problemas específicos que atingem os jovens, em todo o mundo, nos fazendo repensar atitudes e metas para promover a saúde dos adolescentes. Dentre eles os que mais preocupam são a qualidade da saúde sexual e reprodutiva, a gravidez precoce, abortos realizados em condições inadequadas e DST (CASTRO; ABROMOVAY; SILVA, 2004).

Apesar dos avanços obtidos por meio dos programas voltados para a promoção da saúde do adolescente, é importante ressaltar que a discussão da sexualidade na adolescência está em pleno desenvolvimento, e envolve várias questões, diferentes contextos, dimensões sociais, culturas, populações ou grupos específicos (BORGES; NICHIAITA; SCHOR, 2006).

Ao abordar o adolescente e sua sexualidade não podemos deixar de incluir o seu meio familiar, pois os pais exercem significativa influência na determinação de valores referentes a sexualidade (SILVA; TONETE, 2006).

Tendo em vista a exposição constante da sexualidade e a precocidade da iniciação sexual, os adolescentes passaram a ter necessidade de conhecer mais a sexualidade e suas manifestações. Porém, nem sempre foi assim, houve tempos em que a sexualidade era tratada como tema proibido, repleto de tabus e preconceitos. Muitas destas concepções históricas, acerca da sexualidade, se fazem presentes ainda nos dias de hoje, pois valores, crenças, ritos, mitos e costumes transmitidos pela herança cultural, permanecem presentes em muitas famílias, interferindo na percepção sobre a sua própria sexualidade. Por isso, é importante compreender a sexualidade como um processo que abrange aspectos culturais, influenciada pelo meio em que o adolescente vive, pela linguagem e pelos valores existentes na época (NUNES; SILVA, 2001).

Atualmente o adolescente vive sua sexualidade conforme referências obtidas por meio de sua herança cultural e dos valores, normas, regras e costumes da sociedade em que está inserido, portanto, “é preciso considerar a sexualidade como algo muito maior que o ser biológico, porque mais do que qualquer manifestação da vida do homem, ela é capaz de mostrar o ser complexo que é, unindo a matéria e o espírito” (CARIDADE, 1999, p.207).

É justamente nesta fase de absorção de valores sociais, que a família deverá transmitir noções de ética e respeito em relação a valores sexuais básicos para conviver em sociedade, porque muitas vezes a sexualidade é aprendida na rua e poderá ser deturpada e equivocada, baseada mais na quantidade do que na qualidade, ou seja, mais carnal do que sentimental (SIERRA, 2004).

A educação sexual desempenha um papel importante na promoção da saúde das crianças, dos adolescentes e dos jovens, uma vez que proporciona uma vivência da sexualidade de maneira responsável e saudável, contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos, possibilita que os jovens tomem decisões responsáveis e seguras sobre sua fertilidade, saúde reprodutiva e criação de filhos (HOZ, 1998).

As intervenções realizadas por meio dos Programas de Educação Sexual devem ser contínuas para que sejam eficazes e tragam resultados positivos, pois segundo Castro, Abramovay e Silva (2004), de nada adianta palestras esporádicas, nas quais não se consegue envolver o jovem e nem promover sua mudança de comportamento.

Ao referir a questão da abordagem da sexualidade com adolescentes é relevante fazer uso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o qual é instrumento importante que serve de apoio às discussões pedagógicas na escola e na elaboração de ações educativas direcionadas aos jovens. De acordo com ele, a orientação sexual deverá ser abordada nas escolas como tema transversal por contribuir na prevenção de agravos à saúde dos adolescentes, entre eles o abuso sexual e gravidez precoce. Conforme a referência citada, ao levar informações adequadas, aliadas a um trabalho de reflexão e auto-conhecimento sobre a própria sexualidade, o jovem amplia seu pensamento crítico frente aos desafios da vida.

A educação sexual na escola, levando-se em conta os princípios dos PCN deve principalmente estimular questionamentos e, também, ampliar o conhecimento e as alternativas para que o próprio aluno escolha o seu próprio caminho. É importante que a escola abra espaço e crie oportunidades para discutir diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes que fazem parte da sociedade e consiga formar a opinião dos adolescentes a respeito do tema que lhes foi apresentado (BRASIL, 1997).

Abordar a sexualidade na escola é um momento especial onde educador e educando podem trocar experiências, rever valores e discutir sobre temas emergentes que se referem à sexualidade pois, os Parâmetros Curriculares Nacionais devem oferecer conhecimentos e informações referentes ao meio ambiente, à saúde, à sexualidade e às questões éticas (BRASIL, 1997).

A educação sexual deve propiciar a percepção e a valorização do próprio corpo, trabalhar questões de auto-conhecimento, as quais podem contribuir para o fortalecimento da auto-estima a qual é muito importante para a preservação do indivíduo. Ela fortalece e dá suporte para o crescimento e amadurecimento pessoal e social (TIBA, 1994).

A sexualidade além de ser parte integral da personalidade, é uma necessidade básica que não pode ser separada de outros aspectos da vida do ser humano, é uma energia que motiva o amor, o contato com o outro, a intimidade, sendo expressa na forma de sentir, de tocar e de perceber a outra pessoa. Ela tem grande relevância no desenvolvimento e na vida psíquica dos indivíduos, pois é necessidade fundamental das pessoas estando presente no ser humano desde o seu nascimento até a sua morte, manifestando-se de diferentes formas, em cada etapa de seu desenvolvimento (QUINTELLA, 1992; OPAS, 1992).

Nessa perspectiva, é essencial que a sexualidade seja trabalhada em vários ambientes no qual o indivíduo está inserido, principalmente na família e na escola. Os pais aparecem como os primeiros e insubstituíveis responsáveis pela educação sexual de sua prole, portanto, é necessário que eles sintam-se preparados para desenvolver esta função.

2.3 A FAMÍLIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL DO ADOLESCENTE

O crescimento dos filhos faz desabrochar a sexualidade dos próprios pais, motivo pelo qual rever valores, muitas vezes, resultam em atitudes diferentes em relação à educação de meninos e meninas, no que diz respeito à sexualidade. Acredita-se que ao conhecer as particularidades desta fase os conflitos e problemas sejam menores (MALDONADO, 1996).

Os pais precisam acompanhar a evolução do desenvolvimento sexual de seus filhos, principalmente, no que diz respeito às questões sobre sexo e afetividade. A família mesmo que na maioria das vezes sem condições de fazê-la, deveria ser encarregada pela educação sexual dos filhos, pois é no seio da família, que em geral, se dão as primeiras vivências e expressões da sexualidade onde, muitas vezes, fatores culturais, podem servir como barreira para a sua compreensão (MARQUES; VIEIRA; BARROSO, 2003).

A família desempenha importante papel na transmissão da cultura. Em geral, as tradições, os valores, a manutenção de ritos, mitos e costumes prevalecem na educação dos filhos e interferem no desenvolvimento sexual do indivíduo. Estes valores, crenças e práticas são construídos ao longo da história. Porém, sofrem mudanças, com o passar do tempo, à medida que as famílias entram em contato com novos modelos de educação (ALVES; FISCHMAN, 2001 ; CENTA, 2001).

Ao abordar a sexualidade é fundamental que seja considerada a multiplicidade de visões que a família possui, elas estão relacionadas com a herança cultural e são influenciadas por valores familiares e sociais (ROCHA; TASSITANO; SANTANA, 2001).

Segundo Castro, Abromovay e Silva (2004), há casos em que o controle e a interferência da família sobre a conduta sexual dos filhos estão ligadas e permeadas por princípios religiosos rígidos.

A família considerada como um sistema, composto por pessoas unidas por um compromisso mútuo, geralmente afetivo, que se relacionam entre si, transmitem para gerações futuras a sua cultura, os seus hábitos e o seu modo de viver, os quais podem ter impacto significativo na maneira de como seus membros vivenciarão a sexualidade (CANO; FERRIANI, 2000).

Ao envolver a família na educação sexual dos filhos é necessário levar em conta outros aspectos relacionados ao meio familiar como as condições nas quais vive, pois ela não é apenas um processo que interfere na vida das pessoas, mas uma forte influência na trajetória de cada um (ROCHA; TASSITANO; SANTANA 2001).

Na opinião de Egypto (2003), cabe aos familiares, à escola e a todos os profissionais de saúde, envolvidos com o adolescente mostrar-lhes o valor da sexualidade em suas vidas, conscientizando-os para que respeitem o próprio corpo e o do outro. É preciso fortalecer os vínculos familiares e estimular os pais a criar oportunidades para o diálogo com seus filhos.

Os pais e educadores devem auxiliar os adolescentes a refletir sobre sua sexualidade motivando-os a enfrentar o mundo de forma consciente e responsável. Cabe aos educadores desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa quando se trata do tema, oferecendo às famílias um espaço para expor suas dúvidas, trocar experiências e sentimentos sobre as ocorrências da adolescência (DIAS e GOMES, 1999).

As primeiras experiências em relação à sexualidade normalmente acontecem na própria família, uma vez que os pais manifestam sua sexualidade de várias maneiras, sendo que seu comportamento e ações aparecem como o primeiro e, talvez, o mais importante modelo de vivência da sexualidade para as crianças. Acredita-se que todas as famílias realizam de uma maneira ou de outra, a educação sexual de seus filhos, pois mesmo nunca falando abertamente sobre o tema, alguns comportamentos dos pais, em seu dia a dia, retratam questões de sexualidade, fazendo com que a criança e o adolescente os vivenciem e aprendam (BRASIL, 1997).

A família tem um grande potencial e força para educar seus filhos, portanto, os pais deveriam ser os primeiros e grandes responsáveis pela orientação e formação sexual dos adolescentes. Cano e Ferriani (2000) referem que, embora, muitas vezes, os pais tenham dificuldades em falar sobre o assunto suas palavras têm impacto na sexualidade dos filhos. Assim sendo, é essencial que as famílias sejam orientadas para realizar a educação sexual de seus filhos, da melhor maneira possível.

As famílias passam por mudanças inevitáveis à medida que os filhos crescem, as quais podem gerar conflitos e insegurança nos pais, porque eles na maioria das vezes, não sabem como reagir diante de determinadas mudanças e ações de seus filhos, inclusive, durante as demonstrações de sexualidade. Para os pais é um desafio aceitar a maneira de ser e de pensar dos filhos nos dias de hoje, pois, para a maioria deles, suas idéias se contrapõem às maneira de pensar dos jovens, exigindo adaptação (TIBA, 2005).

Apesar da interferência dos conteúdos sobre sexualidade lançados pela mídia, que atingem a maioria das famílias e se reflete na formação das crianças e adolescentes, cabe aos pais selecionar esses conteúdos, fazer uma análise crítica, acompanhar e orientar seus filhos de acordo com seus valores e herança cultural. O meio familiar encarrega-se de transmitir aspectos morais e éticos aos seus componentes (BRASIL, 1997).

A compreensão e a percepção da sexualidade do adolescente, está ligada às experiências familiares. Isto significa que as atitudes e condutas dos pais são de grande relevância na vida sexual dos filhos. É no meio familiar que os pais vivenciam suas experiências sexuais, os filhos desenvolvem sua curiosidade e iniciam seu aprendizado sobre sexualidade (PINCUS; DARE, 1987).

Para que as crianças se tornem adultos sexualmente saudáveis e vivam intensamente as modificações sexuais próprias da idade, é importante que os pais tenham vivenciado positivamente sua sexualidade, de tal modo que consigam transmitir isso para seus filhos (TIBA, 1994).

Os laços familiares de uma forma ou de outra, continuam ocupando lugar de destaque na maneira com que a maioria de nós vê e vive o mundo, portanto, falar de família é focar um conjunto de valores que dá aos indivíduos uma identidade e à vida um sentido (OSÓRIO, 1996).

A família é reconhecida como a instituição que auxilia a vivência do indivíduo em sociedade, pois nela se formarão as novas gerações de cidadãos e se darão as primeiras experiências de relacionamentos. Diante disso é preciso estimular uma vivência saudável entre pais e filhos mediante o diálogo, a troca de experiência, de afeto, e a convivência entre seus membros.

Se existe uma época da vida em que as famílias precisam de ajuda é na adolescência de seus filhos, pois, embora a maioria delas seja capaz de lidar com as demandas desse período de transição, muitas apresentam dificuldades que precisam ser superadas (MALDONADO, 1996).

Para isso, elas necessitam de apoio, pois pode ocorrer que alguns de seus membros se sintam incapazes ou despreparados, para lidar com as ocorrências próprias da adolescência, quando, em alguns casos, tentam soluções ineficazes e com resultados negativos. Neste processo, muitas famílias sentem dificuldades para fazer as mudanças necessárias para facilitar o desenvolvimento de seus filhos, repetindo modelos disfuncionais, que provocam reações e comportamentos indesejados (CARTER; MC GOLDRICK, 1995).

A modernidade trouxe aos pais grandes dúvidas sobre a maneira de como educar seus filhos durante o processo de desenvolvimento, pois, embora eles lutem por uma independência, os pais sentem dificuldade em propiciar autonomia aos filhos (OSÓRIO, 1996).

Durante períodos críticos como a puberdade, a adolescência e juventude, os pais ao perceberem algum sinal de desconforto nos filhos, seja de ordem física, emocional, social ou espiritual devem atendê-los em suas necessidades, orientando-os e apoiando-os, pois em cada etapa do desenvolvimento da sexualidade o indivíduo vive situações e acontecimentos distintos apresentando dúvidas, expectativas e anseios em relação a si próprio a família e a sociedade em que vive (SIQUEIRA, 1986).

Para a família, a tarefa de educar os adolescentes é muito difícil, pois é nesta etapa de vida que surgem conflitos no convívio familiar que exigem reestruturação, portanto, um dos grandes desafios do convívio em família é respeitar a privacidade e as características individuais de cada um de seus membros. À medida que os pais conversam com os filhos sobre sexualidade eles sentem-se mais apoiados e capazes de exercê-lo com segurança. Entretanto, é importante salientar que não existe “receita” para a realização da educação sexual com

sucesso, mas, sim, alguns comportamentos que poderão ajudar ou prejudicar o processo. Nesta ação é preciso ter muita disposição para ouvir e aceitar as diferenças de pensamento, o que contribui para a aprendizagem (MALDONADO, 1996).

A convivência familiar, o respeito, a compreensão, atenção, o diálogo e o interesse, são fundamentais para criar uma interação harmônica e participativa entre pais e filhos, o que favorecerá o processo ensino-aprendizagem.

Os filhos aprendem muito com o exemplo que vivenciam dentro da família, e os pais ajudam na solidificação de valores e na expressão de sentimentos. Para isso a comunicação no âmbito familiar é um recurso importante. É na relação com os familiares, especialmente com a mãe e com o pai, que a criança estabelece suas primeiras relações e adquire um jeito próprio de ser, aprender e dar significado ao que foi aprendido (NOLTE; HARRIS, 2005).

As tarefas da família vão muito além da criação dos filhos, pois ela deve prover o desenvolvimento biopsicosocial dos seus membros suprindo necessidades de saúde, proteção, aconchego, confiança em si e no outro, e de auto-estima, permitindo seu desenvolvimento social, educando-os e possibilitando sua vida em sociedade (OSÓRIO, 1996).

Os pais precisam repensar a maneira como educam seus adolescentes e como os conduzem em relação a sua sexualidade. Para orientar adequadamente os filhos sobre sexualidade é necessário que os pais vençam o bloqueio que normalmente experimentam ante a curiosidade dos filhos, pois algumas perguntas ultrapassam até a capacidade lógica dos interrogados. Contudo, é preciso que os pais estejam conscientes que os filhos têm uma grande necessidade de falar sobre questões não somente relacionadas ao sexo, mas também sobre afetividade (TIBA, 2005).

Para este autor, falar com simplicidade e de maneira franca e amigável, é essencial para que os filhos percebam a sexualidade com naturalidade e ainda criem um vínculo afetivo e de confiança com os pais. As oportunidades que surgem na vida familiar e social devem ser aproveitadas no sentido de transmitir aos filhos as informações adequadas.

A educação sexual dos filhos deve ir além da explicação sobre anatomia, fisiologia ou higiene; ela engloba a afetividade, a auto-estima, a estimulação e a criação de hábitos saudáveis, e a formação da consciência moral e espiritual da

criança e do adolescente. Portanto, é necessário que todos os profissionais que atuam na educação sexual de crianças e adolescentes, inclusive a enfermeira, estejam preparados para abordar a sexualidade. É importante refletir como o processo de educação sexual dos adolescentes acontece dentro do seio familiar e como as famílias o percebem e o realizam, para então planejar e implementar ações que atendam as necessidades das famílias e adolescentes no que se refere a sexualidade.

2.4 A ENFERMEIRA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

A enfermeira enquanto educadora de saúde deve refletir de maneira crítica, sobre as ações que se destinam à orientação sex compromisso de suprir as necessidades das famílias e dos adolescentes. Neste processo, a família tem um significado muito grande para seus membros, influenciando, afetando e sendo parte integrante de sua formação (DIAS; GOMES, 1999).

Para cuidar da saúde do adolescente, é preciso envolvimento profissional, respeito à privacidade e a confidencialidade, proporcionando práticas de aconselhamento individual nas quais as informações obtidas somente sejam reveladas com o consentimento do próprio adolescente (VENTURA; CORRÊA, 2006).

A enfermeira que atua na promoção da saúde do adolescente precisa estar ciente de seus direitos e da inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral (Brasil, 2003).

Ao prestar assistência à saúde sexual e reprodutiva do adolescente, ela deverá estar informada sobre todas as especificidades que envolvem esta prática, para que possa garantir a saúde e o bem estar desta população. Necessita de conhecimentos específicos sobre o adolescente, dúvidas e conflitos presentes nesta etapa e ainda interar-se de suas condições de vida (RAMOS, 2001).

Os adolescentes são considerados vulneráveis à medida que estão expostos a problemas de doenças infecciosas, alterações nutricionais, distúrbios de auto-imagem, DST, uso de substâncias psicoativas, gravidez indesejada entre outros agravos, que interferem em sua saúde e bem estar, necessitando de cuidado

e atenção diferenciada e específica à cada situação apresentada. Para estes autores é essencial que a enfermeira leve em conta a sua vulnerabilidade e suas implicações para a prática do cuidado, lançando mão de instrumentos como: investigação, diagnóstico, educação e intervenção, que o auxiliarão no planejamento e implementação de ações que supram as necessidades do adolescente (MANDÚ, 2001).

A enfermagem deve implementar ações que tenham como objetivo principal, a saúde e a qualidade de vida do adolescente as quais devem ser realizadas baseadas em conhecimento não só teórico e prático, mas também em conhecimentos das experiências de vida do próprio adolescente. Só assim, os programas de assistência voltada para os adolescentes podem obter melhor eficácia e resolutividade (RAMOS, 2001).

A prática de orientação sexual de adolescentes faz parte da prática da enfermeira, mas não deve se restringir apenas à transmissão de conhecimentos. Ela deve atender também os adolescentes em suas necessidades e particularidades (BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006).

É importante que a enfermeira que se disponha a orientar a sexualidade dos adolescentes reflita sobre sua própria sexualidade, pois é difícil lidar com a sexualidade dos outros se não tivermos resolvido os nossos próprios conflitos sexuais. Portanto, é preciso repensar nossos valores, crenças, costumes, ritos, mitos e postura diante da sexualidade, lembrando nossa própria vivência sexual, com suas dificuldades, medos, dúvidas, conflitos e como eles foram resolvidos (RAMOS, 2001).

A educação sexual extrapola todo tipo de técnica, entrando num mundo de valores, princípios morais e éticos, costumes que devem ser respeitados e levados em conta, visto que cada adolescente vivencia diferentes e profundas relações próprias de seu meio familiar, que são influenciadas pela sua herança cultural (BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006).

O educador que aborda questões da sexualidade deve ser capaz de dar um significado positivo aos assuntos que envolvem a sexualidade, pois este processo deve gerar sentimento de respeito não só pelo sexo, mas, também, pelo outro.

As enfermeiras devem discutir este tema desfazendo tabus e preconceitos, trocando experiências buscando proporcionar uma vida mais saudável aos adolescentes (MANDÚ, 2001).

A experiência, a formação e o conhecimento aliados à postura ética fazem do profissional que trabalha diretamente com os adolescentes uma referência para que possa abordar temas que envolvem sexualidade.

Tendo em vista a preocupação de proteger os adolescentes dos agravos à saúde a que estão expostos, as enfermeiras devem compreender as condições sociais, culturais, políticas e familiares, para que suas ações sejam realmente efetivas e apresentem resolutividade.

De acordo com Ramos (2001), para assistir/cuidar do adolescente com eficácia as enfermeiras devem conhecer a importância, as características e a conotação de adolescência para que possam planejar e implementar ações para assistir/cuidar do ser humano nesta etapa de vida.

O adolescente deve ser cuidado levando-se em conta as dimensões físicas, psicológicas, sociais e culturais. Refletir acerca de sua saúde é refletir sobre a nossa própria prática profissional, como a desempenhamos e quais medidas podem ser tomadas para ampliar a assistência de enfermagem destinada à esta etapa de vida (WEREBE, 1981).

A enfermeira pode contribuir significativamente junto ao adolescente, a família e a comunidade, na medida em que realiza suas ações com qualidade, interesse e responsabilidade frente às questões que lhe são apresentadas. Levando-se em conta que a enfermagem é uma prática social e integra-se as demais práticas de saúde, ela tem a necessidade de trabalhar de maneira interdisciplinar e integrada contribuindo desta maneira para melhorar a qualidade de vida das famílias e adolescentes (ROCHA; TASSITANO; SANTANA, 2001).

O trabalho da enfermeira com adolescentes, nos faz repensar o quanto é relevante o conhecimento e o aprimoramento profissional para uma prática de enfermagem diferenciada. Não se pode trabalhar com jovens sem conhecer os vários aspectos e as especificidades de seu período de desenvolvimento humano.

Dessa forma, precisamos refletir sobre como é para nós, educadores, lidar com questões tão polêmicas como sexualidade, relacionamento familiar, corpo, vaidade, afeto, auto-estima, de maneira que possamos abordar sem preconceitos a sexualidade, respeitando os diferentes contextos culturais, seus tabus, valores, costumes, discutindo com os adolescentes e orientando-os para melhor viver.

O trabalho do enfermeiro com adolescentes e com famílias requer um conhecimento e aprimoramento profissional para uma prática de enfermagem

diferenciada. Não se pode trabalhar com jovens sem conhecer os vários aspectos e as especificidades de seu período de desenvolvimento humano.

Apesar da maioria dos familiares sentirem dificuldade para falar sobre sexualidade com seus filhos, é preciso envolvê-las em todo este processo educativo, pois, levando-se em conta todas as ameaças às quais os adolescentes estão expostos como: gravidez precoce, contaminação por DST, uso de drogas, acidentes, violência, entre outras, é essencial a que participem junto com as enfermeiras na melhoria das ações de saúde voltadas para esta população.

Portanto, há necessidade de se implementar uma política de saúde compromissada com os adolescentes a qual deveria ser realizada por profissionais capacitados para promoverem a saúde e melhorarem as condições de vida dos adolescentes, motivando-os a assumir responsabilidade pelo seu corpo e sua sexualidade, agindo como cidadãos conscientes de seu papel na sociedade (BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006).

Neste processo, é importante o envolvimento e a interação entre adolescente, família e enfermeira no desenvolvimento de ações que contemplem as especificidades desta etapa de vida, onde o desabrochar da sexualidade adquire importância para a manutenção da saúde.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, tipo exploratória descritiva, sendo que este tipo de pesquisa, pode ser entendida como aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, as relações, e as estruturas sociais (MINAYO, 2004). Segundo a autora, essa metodologia enfatiza a importância de se conhecer, entender e interpretar a natureza das situações e eventos sejam eles passados ou presentes.

A pesquisa qualitativa busca a descrição e a exploração de fenômenos sociais, psicológicos, culturais, estruturais, funcionais e econômicos. Quando realizada com famílias tem como propósito quase sempre entender um problema ou determinada situação que envolve seus membros (ALTHOFF, ELSEN e NITSCHKE, 2004).

Ao enfatizar que a pesquisa qualitativa é essencial para o desenvolvimento do conhecimento nas áreas da saúde Morse (2003), explica que o laboratório da investigação qualitativa é a própria vida cotidiana, porém, que neste tipo de pesquisa, as variáveis não podem ser simplesmente manipuladas ou modificadas.

Ainda a respeito das características da abordagem qualitativa, alguns autores como Chizzoti; Denzin e Lincon; e Minayo *apud* Bosi e Mercado (2004), acrescentam que ela pode ser considerada uma atividade que demarca o lugar do observador no mundo e que consiste em um conjunto de práticas de interpretação que tornam o mundo visível. Tem como característica reconhecer a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, à medida que acredita que o objeto reflete uma historicidade, uma consciência histórica e uma identidade entre sujeito e objeto.

3.2 CENÁRIO DA PESQUISA

O cenário escolhido para este estudo foi uma escola de ensino fundamental, privada, do município de Toledo, Paraná, que possui duzentos alunos matriculados.

Este município está localizado no oeste do estado do Paraná, possui cerca de 100.000 habitantes, sendo eles em sua maioria descendentes de italianos e alemães. Com cerca de 50 anos, a cidade de Toledo cresce consideravelmente e tem na agricultura sua maior fonte de economia (NIEDERAUER, 1992).

Esta escolha ocorreu porque há aproximadamente nove anos desenvolvo um trabalho de educação sexual, junto aos alunos desta instituição o que proporcionou maior interação e vínculo afetivo entre pesquisador, corpo docente, alunos e suas famílias. O envolvimento estabelecido por meio da amizade, confiança permitiu que a obtenção dos dados se realizasse de forma harmônica, entre pesquisador e pesquisando.

3.3 CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

A construção das questões que fizeram parte da entrevista semi-estruturada se deu a partir da questão norteadora “Como os pais vivenciam a educação sexual de seus filhos adolescentes”.

É importante salientar que o instrumento foi testado antes de ser aplicado com os pais que fizeram parte da pesquisa. As entrevistas piloto foram realizadas com dois familiares que atenderam ao critério de inclusão proposto para a pesquisa, ou seja, ter filhos adolescentes, matriculados na 7ª ou 8ª séries da escola escolhida para a realização do estudo.

Ao realizar a entrevista piloto, o pesquisador objetivou principalmente ter certeza de que as questões contemplavam o objetivo do estudo e se a técnica utilizada para a entrevista estava correta, possibilitando a coleta de dados adequada e de qualidade.

Após as entrevistas realizadas no pré-teste, senti a necessidade de acrescentar ao roteiro de entrevista, deste estudo, uma nova questão, a qual,

reforçaria o alcance do objetivo proposto. A questão inserida foi “O que você entende por sexualidade?”.

Segundo Lefèvre e Lefèvre (2005), todo roteiro de entrevista deve ser testado anteriormente em sujeitos semelhantes ou equivalentes aos que serão pesquisados, com a finalidade de constatar se as perguntas elaboradas são adequadas para levantar os dados desejados.

3.4 ENTREVISTA

A entrevista é um procedimento bastante usado no trabalho de pesquisa porque é através dela que se obtém informações importantes sobre o tema à ser estudado. Devido a isso não deve ser tratada como uma conversa informal, mas, sim ser previamente planejada e organizada (MINAYO, 2004).

Ela é uma conversa a dois com propósitos bem definidos, na qual se obtém dados sobre experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas.

No que se refere a modalidades de entrevista ela pode ser: estruturada, onde as perguntas são previamente formuladas; e não-estruturada, a qual possibilita que o entrevistado fale livremente sobre o assunto proposto pelo entrevistador (SIMIONI; LEFÉVRE; PEREIRA, 1997).

A entrevista semi estruturada não deve ser considerada apenas como uma simples técnica de coleta de dados porque ela permite que o entrevistado expresse sua opinião sobre um determinado assunto de maneira que se torne uma conversa entre duas pessoas, com o objetivo de obter informações (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

De acordo com o autor, citado anteriormente, as entrevistas podem variar quanto ao grau de estruturação. Algumas são centradas em tópicos determinados e outras podem ser guiadas por questões gerais, que permitem levantar uma série de tópicos e oferecem ao pesquisador a oportunidade para moldar o seu conteúdo. O mesmo autor salienta que na entrevista semi-estruturada, tem-se a certeza de se obter dados comparáveis entre os sujeitos.

De acordo com Polit e Hungler (1995) a entrevista semi-estruturada é utilizada quando o pesquisador tem alguns tópicos que devem ser cobertos, ou seja, ele se utiliza um guia com tópicos escritos para garantir que todas as intenções das perguntas sejam abordadas. Nesta perspectiva, o entrevistador deve agir como um facilitador, de modo que estimule o participante a falar livremente sobre o tema.

Devido ao tipo de pesquisa escolhida para este estudo é que optei utilizar a entrevista semi-estruturada para obter os dados e atingir o objetivo.

3.5 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes do estudo foram dez pais de alunos adolescentes, matriculados na 7ª e 8ª série de uma escola privada do município de Toledo- PR, que faziam parte do projeto de Educação Sexual, desenvolvido na referida escola. O critério usado para a seleção dos pais foi o sorteio, visto que todos eram integrantes do referido projeto.

Apesar de optarmos pelo método de pesquisa qualitativo, o qual preconiza o encerramento da coleta de dados quando os mesmos apresentam saturação, inicialmente foram sorteadas dez famílias para participarem deste estudo. Ao ter em mãos o nome dos pais sorteados, entrei em contato convidando-os a participar do estudo. O convite foi feito por telefone e direcionado ao casal, ou seja, tanto o pai, como a mãe, estariam convidados a participar do estudo. Vale ressaltar que a escolha de quem participaria da entrevista ficou por conta dos próprios pais.

3.6 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná tendo seu protocolo o número 354.034.07.05 (Anexo A).

Para realização da pesquisa na escola, entrei em contato com a direção solicitando autorização (Anexo B) para a realização do estudo com os pais dos adolescentes matriculados nesta instituição.

Os pais selecionados para participarem foram esclarecidos sobre a pesquisa, ou seja, como ela seria realizada e assinaram as duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

Vale ressaltar que tanto a diretora como os pais, participantes do estudo, foram informados sobre o objetivo do estudo, sua relevância e ainda sobre a liberdade para desistir em qualquer etapa do estudo, caso fosse sua vontade.

Os pais, ainda, foram informados sobre a segurança e privacidade de suas informações, e o destino dado às informações recebidas. Foi garantido o sigilo, o anonimato e a confidencialidade dos participantes. Para, preservar a identidade dos participantes eles foram denominados de F1, F2..., respectivamente familiar um, familiar dois e assim sucessivamente.

3.7 COLETA, REGISTRO E ANÁLISE DOS DISCURSOS

Para a coleta dos dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada (Apêndice A) realizada individualmente com o pai ou a mãe do aluno, escolhido pela família para participar do estudo. As entrevistas foram gravadas para preservar a confiabilidade dos dados, que foram transcritos na íntegra pela pesquisadora.

As entrevistas foram realizadas na própria escola, em uma sala de aula para facilitar o deslocamento dos pais, visto que muitos aproveitavam o fato de levar ou buscar seus filhos para participar da mesma.

A análise dos dados seguiu a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), na qual as entrevistas foram ouvidas por várias vezes pela pesquisadora, transcritas na íntegra e organizadas. Após a transcrição das entrevistas foram destacadas e ordenadas às expressões-chave de cada discurso dos familiares, de onde foram extraídas as idéias centrais que posteriormente formaram o discurso final.

A técnica do DSC foi proposta por LEFÉVRE e LEFÉVRE (2003, p.15), como “uma meio de organização e análise dos dados de uma pesquisa qualitativa onde o pesquisador pode fazer uso de várias tabulações dos dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornais, materiais de revistas, cartas, papers, etc”.

O DSC busca responder a auto-expressão do pensamento ou opinião coletiva, é por isso uma proposta de reconstituição de um ser coletivo, na forma de um sujeito de discurso emitido na primeira pessoa do singular.

Por se tratar de um estudo em que se pretende identificar o que os pais pensam e sentem ao vivenciar a educação sexual dos filhos, o DSC pode ser considerado uma estratégia metodológica adequada para a análise dos dados, pois nele há uma construção de um só discurso a partir de partes dos discursos dos indivíduos.

Nesta técnica, o sujeito coletivo se expressa através de um discurso emitido na primeira pessoa do singular, representado por um “eu” sintático que ao mesmo tempo em que indica a presença de um sujeito individual do discurso, faz uma referência coletiva na medida em que este “eu” fala em nome da coletividade (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

O DSC é uma associação discursiva que reúne pedaços não iguais, de diferentes discursos individuais, tendo como característica a compatibilidade na expressão da fala, sendo possível desta maneira criar um único discurso que tem como essência a fala do sujeito individual e, também, o que o sujeito da coletividade expressou por ele (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

Este método poderá ser utilizado quando há a pretensão de pesquisar e de entender o que pensa um determinado grupo de pessoas, sobre um tema em particular, ou seja, em que proporção algum pensamento aparece na população que está sendo pesquisada.

Na concepção de seus autores, o DSC busca entender o discurso individual dos atores sociais da pesquisa considerando que ele é indissociável do pensamento coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006).

Ele difere dos outros métodos porque traz uma nova visão de investigação e análise dos dados na medida que entende que, muitas vezes, se desconsidera as características especificamente qualitativa do pensamento coletivo, a medida que supõe que o indivíduo tem uma crença, pensamento e opinião.

Para o desenvolvimento do DSC os autores idealizaram o que chamaram de figuras metodológicas, as quais permitem a construção do discurso final, sendo elas as EXPRESSÕES-CHAVE (ECH), IDÉIAS CENTRAIS (IC) E ANCORAGEM (A). Essas figuras metodológicas servem para construir, posteriormente os discursos.

A seguir será descrito do que se trata cada uma destas figuras metodológicas, conforme Lefèvre e Lefèvre (2003):

EXPRESSÕES-CHAVE são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que devem ser sublinhadas, destacadas pelo pesquisador e que revelam a essência do depoimento ou, melhor, do conteúdo do discurso. É importante ressaltar que é com a matéria prima encontrada nas expressões-chave que serão construídos os discursos.

IDÉIA CENTRAL- descreve de forma sintetizada e precisa, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto similar de ECH que formarão o DSC. A IC não é considerada uma interpretação mas, sim, um retrato do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos.

ANCORAGEM- pode ser entendida como uma manifestação lingüística explícita de uma determinada teoria, ideal ou crença que o autor do discurso professa e que na qualidade de afirmação genérica é usada pelo enunciador para condizer uma situação específica.

Por fim, o DSC pode ser definido “como a síntese dos discursos, realizado na primeira pessoa do singular e composto pelas expressões-chave que tem a mesma idéia central e ancoragem”, (LEFÉVRE; LEFÉVRE, 2003, p. 25).

Ao construir o DSC, a análise de cada questão deverá ser feita isoladamente, identificando-se e destacando-se em cada uma das respostas as ECH das IC, posteriormente se deve agrupar as ECH de mesmo sentido ou de sentido equivalente e a partir daí formar DSC.

Esta proposta metodológica, segundo o referido autor, possibilita expressar a opinião ou o pensamento coletivo a partir da análise do material verbal coletado retirado dos depoimentos dos entrevistados, o que permite o seu uso também em pesquisas na área de saúde, particularmente as realizadas com famílias (LEFÉVRE; LEFÉVRE, 2003).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 CARACTERÍSTICA DA POPULAÇÃO DA PESQUISA

Família	Gênero	Renda mensal (em SM)	ascendência	idade	Estado civil	religião	Numero de filhos	Grau de instrução	ocupação
F1	Feminino	18	Africana	37	casado	católico	2	Ensino Superior completo	Vendedora
F2	Masculino	18	Italiana	39	casado	católico	2	pós-graduação	Supervisor
F3	Feminino	15	Italiana	32	casado	católico	2	Ensino Superior incompleto	Auxiliar de anestesista
F4	Feminino	18	Italiana / alemã	34	casado	católico	1	Pós-graduação	Bióloga
F5	Feminino	+ de 20	Italiana / russo	44	casado	católico	2	Ensino Superior completo	Do lar
F6	Feminino	11	africana	37	casado	católico	2	Ensino médio completo	Do lar
F7	Masculino	11	Italiana / espanhola	39	casado	católico	2	Ensino Superior completo	Representante de vendas
F8	Feminino	18	Italiana	39	casado	católico	2	Ensino médio incompleto	Empresária
F9	Feminino	15	Italiana	44	casado	católico	3	pós-graduação	Professora
F10	Masculino	15	Italiana	46	casado	católico	3	Ensino Superior completo	Advogado

FONTE: Toledo, 2007.

Os participantes deste estudo eram na maioria do sexo feminino, de ascendência italiana com idade entre 31 a 46 anos sendo que a maioria tinha de 32 a 39 anos, casados, católicos, a maioria possuía ensino superior completo, trabalhavam fora e possuem uma renda que variava de 11 a mais de 20 salários

mínimos. Num total de 10 pais, apenas três homens compareceram para a entrevista, sendo que as outras entrevistas ficaram por conta das mães.

Em relação ao grau de instrução a maior parte dos pais participantes deste estudo, possuem ensino superior completo e alguns especialização e mestrado, o que nos faz acreditar que eles possuem algum conhecimento a respeito das questões da sexualidade, próprias da adolescência, ou, então, que eles estão aptos a buscarem conhecimentos.

A situação econômica dos participantes é alta e estável, o que lhes permite oferecer aos filhos boas condições de educação e uso de fontes de informação.

É importante ressaltar que os padrões de criação dos filhos variam muito de acordo com cada cultura, pois alguns grupos têm uma criação mais permissiva enquanto que outros, mais rígidas. As famílias italianas normalmente procuram manter as tradições familiares e conservam muitos valores e costumes herdados de seus antepassados.

Nestas famílias, geralmente, as mulheres sofrem quando buscam autonomia, principalmente na fase da adolescência. Elas tendem a prender os filhos e tem dificuldade para lançá-los ao mundo, porque acreditam ser a família o melhor lugar para permanecerem (CARTER; McGOLDRICK, 1995).

A religião católica predomina na população italiana, o que pode ser observado neste estudo. Isto representa uma característica relevante quando nos referimos à sexualidade, pois o tipo de religião adotada pela família interfere em seus hábitos e atitudes.

Segundo autores como Engel (1995), Ariès (2006) e Muraro (1992), o catolicismo sempre interferiu no modo de agir das famílias ditando normas e regras, estabelecendo valores, ritos, mitos e costumes os quais predominam até hoje, nas famílias mais conservadoras.

A igreja sempre interferiu no comportamento das famílias e por serem elas instituições responsáveis pela determinação de regras e condutas relativas à várias questões, inclusive a educação dos filhos, acabam tendo um peso significativo no modelo educacional herdado (SOIHET *apud* AGUIAR, 2007 p.39).

4.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO DISCURSO DE SUJEITO COLETIVO

Após ordenar e analisar os dados obtidos, foi possível construir os DSCs referentes a cada pergunta feita aos participantes deste estudo, os quais passamos a apresentar e discutir.

4.2.1 Entendendo o significado de sexualidade

A resposta à questão: O que você entende por sexualidade? Permitiram verificar o significado que os participantes deste estudo atribuem à sexualidade e a partir destes dados retirar as seguintes ICs:

- A. Tema nunca pensado
- B. Mudanças e transformações
- C. Relacionamento sexual
- D. Diferença entre gêneros
- E. Conhecimento de si e do outro
- F. Manifestações de sentimentos e ações
- G. Princípios e valores

Idéia Central A - Tema nunca pensado

Meu Deus deixa eu pensar, é tão engraçado, você me pegou desprevenida (F5) sabe que realmente nunca pensei nisso (F8), deixa eu pensar então, meu Deus do céu, sexualidade... (F5) sinceramente eu não tenho uma resposta específica agora (F8).

Para alguns dos participantes deste estudo, a sexualidade é um tema nunca pensado e pouco falado. Isto, talvez ocorra devido a sexualidade ser tratada de forma velada, pouco falada e refletida por muitas pessoas e famílias. Este fato pode estar relacionado à nossa herança cultural, pois se lembrarmos a história da sexualidade vamos entender a dificuldade que envolve a discussão do tema, visto que ela está diretamente ligada ao catolicismo com seu moralismo, crenças e tabus. Confirmando isto, Betto e Freire (1986) ressaltam que é provável que essa herança,

nos impeça de falar da sexualidade com a mesma naturalidade que tratamos de outros assuntos.

A herança de valores, transmitidos aos indivíduos durante séculos e séculos deixam marcas que se manifestam até hoje em nossas maneiras de pensar e de viver a sexualidade e essa experiência é são transmitida para nossos filhos e a outros indivíduos.

Na sociedade de hoje, é comum associar alegria, felicidade e plenitude à busca do prazer, mesmo que seja o prazer sexual, porém, nem sempre isso foi assim, pois de acordo com Heilborn (1999), algumas religiões valorizavam que a verdadeira felicidade eterna era somente alcançada pela negação dos prazeres. Elas acreditavam que através do jejum, da castidade e da ausência de relações sexuais o indivíduo conseguiria maior desenvolvimento do espírito. Para estas religiões a sexualidade era tida como instrumento de reprodução e não de prazer.

Para esta autora, com a expansão do catolicismo nas sociedades ocidentais, cresceu a valorização dos costumes conservadores onde a sexualidade era vista como tema absolutamente proibido no meio familiar e em algumas situações, motivo de punições.

A atitude dos indivíduos e das famílias diante da sexualidade, varia de acordo com o meio, a época em que vivem, seus valores e princípios, ou seja, o seu modo de pensar e viver. Relembrando a história das famílias, entendemos que os valores, ritos, mitos e costumes transmitidos pela herança cultural, nos possibilita compreender a razão pela qual as pessoas não exteriorizam suas opiniões e práticas de sexualidade; encoberta por princípios morais e religiosos (ARIÈS, 2006).

Para o autor, os valores conservadores ainda estão presentes na forma como vivenciamos o sexo o qual, geralmente, é tido como proibido, mesmo sendo prazeroso, o que justifica o DSC construído.

A rigidez na educação de valores, a moral e a decência transmitidas pelas famílias, mesmo que de forma velada, ainda interferem na educação dada aos filhos sobre sexualidade em nossos tempos, pois em muitas famílias não é falada, apenas praticada.

Como pode ser tão contraditório as pessoas não pensarem na sexualidade se ela é parte do ser humano. Para Braga; Braga e Miyazawa (2003), a sexualidade tem função decisiva no amadurecimento da pessoa fazendo parte também da sua identidade. Diz respeito à soma dos atributos, comportamentos e tendências sexuais

do indivíduo e também é subjetiva porque é relacionada com os impulsos fisiológicos e psicológicos cuja satisfação é capaz de proporcionar prazer ao indivíduo.

Idéia Central B - Mudanças e transformações

Sexualidade é o desenvolvimento (F3,F7). Conforme vai chegando a idade, o organismo vai amadurecendo com as fases da vida e as conseqüências disso tudo é o desenvolvimento do corpo através dos hormônios (F1,F7,F10) É todo desenvolvimento afetivo,sexual da criança ou do adolescente (F7).Também as transformações da maneira de agir, de pensar, da identidade, da aceitação (F9). Cada criança vai despertar para a sexualidade de maneira diferente dependendo da faixa etária (F5). É a sensação que o nosso corpo sente até descobrir sua sexualidade plena (F7,F10). Acho que é a parte que você tem que ir passando para a criança desde cedo, porque se a minha filha não sabe... a coleguinha sabe, então... tem que saber alguma coisa para não passar de bobinha (F4).

A maioria dos participantes deste estudo, referem que a sexualidade é o amadurecimento e as transformações que ocorrem na adolescência por meio de mudanças no corpo, no jeito de ser, de agir e até mesmo, de pensar.

Para Colli (1988), na adolescência, o processo de crescimento e desenvolvimento acontece em diversos setores do organismo, o que nos faz entender as palavras dos participantes deste estudo, quando relacionam a palavra sexualidade às transformações que ocorrem na adolescência.

Contudo, é importante ressaltar que as modificações ocorridas nesta fase de transição, onde a criança inicia seu processo de amadurecimento, envolvem várias dimensões tais como a psicológica, biológica, cultural, social. É baseado nesta idéia que Knobel (1988), afirma que a adolescência é uma fase evolutiva do ser humano e precisa ser considerada a partir dos vértices biológico, psicológico e social. Este autor acrescenta que as manifestações ocorridas nesta época de transição podem ser culturalmente diferentes, mas que os psicodinamismos e as bases das mudanças comportamentais e outras manifestações são essenciais para o desenvolvimento dos adolescentes.

Os pais necessitam compreender que a sexualidade está relacionada às modificações do adolescente, pois segundo Wilson (1998), são marcantes as modificações anatômicas e fisiológicas que ocorrem nos corpos dos adolescentes e que eles também apresentam mudanças de sentimentos e atitudes. Crescer e amadurecer talvez sejam os termos que mais se enquadram quando tratamos do período da adolescência.

Observou-se neste estudo, como os pais relacionam a sexualidade às mudanças percebidas em seus filhos. Isto se justifica devido à adolescência ser um período relevante dentro do processo de crescimento e desenvolvimento, quando às transformações físicas da puberdade somam-se àquelas de âmbito psicossociais (SAITO,1988).

Na adolescência ocorre um crescimento físico acelerado que vem acompanhado de alterações hormonais, o que deixa visível, principalmente para quem acompanha os adolescentes, um amadurecimento sexual distinto e próprio de cada um. Este processo é acompanhado por alterações emocionais e sociais que são próprias da adolescência (ARAÚJO *et al*, 1999).

Para Ribeiro (2004) a sexualidade, quando relacionada, principalmente, à adolescência, pode ser entendida como mudança, verdadeira revolução no organismo de meninos e meninas os quais tem que viver e aprender com o novo corpo, com uma gama de novas emoções, pois os hormônios tem a capacidade de provocar grandes transformações.

Ao longo de seus estudos sobre adolescentes Zagury (2002), diz que as transformações físicas, ou seja, aquelas que são mais visíveis no corpo do menino e da menina são as mais significativas para eles, nesta etapa de vida.

Estas mudanças corporais obrigam o adolescente a reformular sua imagem corporal, ou seja, reformular a imagem mental que tem de seu corpo para então aceitar o novo corpo. Diante deste processo, o adolescente tenta substituir muitos aspectos de sua identidade familiar por uma identidade individual, muitas vezes influenciada por fatores de seu meio social. É durante este processo que são percebidas muitas transformações psicossociais como o individualismo, a busca pela identidade e a necessidade de autonomia (KNOBEL,1988).

Idéia Central C- Relacionamento sexual

É claro que tem a questão da parte sexual, do sexo...(F3) da relação sexual, o ato sexual mesmo, o prazer...(F7) o desejo... (F6) mas não é tudo! (F2). Sexualidade é a maneira de ver o sexo.(F5) Uma coisa que você não sai por aí fazendo por qualquer motivo (F4).

Para alguns participantes deste estudo sexualidade está relacionada ao ato sexual e seus componentes, como o prazer, o desejo e a maneira de ver e fazer sexo.

Para Ribeiro (2004), sexo e sexualidade são palavras diferentes, porém na maioria das vezes, elas estão juntas, pois apesar de saber que a sexualidade vai muito além do biológico e da genitalidade, quase sempre ela está relacionada ao sexo.

Para Heilborn (1999), a sexualidade envolve muito mais do que o sexo, ou uma simples parte biológica do corpo que tem função reprodutiva, envolve também sentimentos e valores.

O fato da sexualidade estar relacionada ao sexo, ao ato sexual em si, talvez ocorra devido a nossa herança cultural, pois antigamente ela era vista como meio de reprodução quando seu valor estava centrado na reprodução de herdeiros.

A associação feita entre sexualidade e sexo, além da herança cultural tem forte influência na apologia que se faz ao sexo por meio da mídia escrita e falada e até mesmo nas relações sociais, que fortalecem muito mais o sexo do que a sexualidade.

A sexualidade não é uma necessidade pura e estritamente biológica, pois implica, também, em necessidades vinculadas a outros aspectos da vida do ser humano como a necessidade de afeto, de princípios religiosos, e de desejo (SIERRA, 2004).

Obviamente, não se pode negar a relevância dos fatores biológicos relativos à sexualidade. Contudo, não podemos relacioná-la apenas ao ato sexual, pois ela compreende muito mais do que simplesmente o sexo, a medida que envolve outras dimensões do ser humano como a psicológica, social, cultural e espiritual (LORENTE *apud* SIERRA, 2004).

Apesar da sexualidade ser enfocada em seus diversos aspectos a sua educação ainda encontra-se mais direcionada a parte biológica. Isto pode ser observado nos estudos de Tonatto e Sapiro (2002) realizado com alunos adolescentes, onde eles verificaram que para a maioria dos alunos a sexualidade está limitada quase sempre à relação sexual entre um homem e uma mulher e que o enfoque é quase sempre biológico. Isto talvez ocorra devido à educação sexual ser realizada na maioria das vezes, na disciplina de biologia, o que lhe confere um significado muito mais biológico do que afetivo.

Para as autoras, as próprias professoras, ao ensinar sexualidade a relacionam com questões sexuais dando-lhe um enfoque biologicista. Desta maneira a escola acaba por vincular a sexualidade ao seu aspecto biológico, negando seus

fatores psicológicos, sociais, históricos e culturais, o que influencia a maneira como as pessoas a percebem e a praticam.

A sexualidade deve ser ensinada não apenas considerando-a como instintiva, mas sim de forma geral, incorporando à sua parte biológica, os seus reais significados, entre eles, o cultural, o social, o antropológico, o afetivo, o psicológico.

Idéia Central D - Diferença entre gêneros

Eu entendo sexualidade como a diferença entre o masculino e o feminino (F1). As diferenças no corpo feminino como no masculino (F10). A minha filha, quando era pequena a gente via que a sexualidade era muito mais aflorada... às vezes, pegava ela se espremendo (masturbação). Com o meu filho a gente não via isso, não sei se é porque ele é menino, mas eu percebo que é bem diferente (F5).

A relação entre gêneros também aparece na fala dos participantes deste estudo quando dizem que a sexualidade é a diferença entre masculino e feminino, referindo-se as diferenças que aparecem no corpo e no modo de ser do menino e da menina.

A sexualidade é associada ao gênero devido a nossa herança cultural que estabelece diferenças para o comportamento de homem e da mulher. Na antiguidade, o homem era o detentor do poder e podia gerar filhos com outras mulheres além de sua esposa, a qual devia fidelidade, obediência e respeito ao marido. Isto é observado na história da família, contada por diversos autores como Engels (1995), Áries (2006), Muraro (1992), quando referem-se ao modo de agir do homem e da mulher, da educação recebida, e da expectativa do nascimento de filhos do sexo masculino.

Estudos realizados por Suplicy (1995) e Heilborn (1999), nos mostram que as crianças constroem desde muito cedo conceitos relacionados ao sexo e do que é ou não apropriado e permitido dependendo do gênero a que pertencem. Neste processo desde as roupas, o tipo de brinquedo e até mesmo as condutas devem estar de acordo com o sexo, o que deve ser diferente quando se trata de menina ou de menino. É nestas ações que eles são treinados para exercerem seus papéis sociais de homem e mulher.

Na sociedade sempre esteve presente a questão do gênero feminino e masculino, pois a educação que recebemos não só na escola, mas no próprio seio familiar reforça a diferença entre gêneros. Louro, Neckel e Goellner (2003) enfatiza

esta idéia quando colocam que apenas aparentemente as pessoas que eram encarregadas pela educação não se preocupavam com o gênero do corpo. Porém, quando observarmos esta questão com profundidade, percebemos que os processos educativos estavam e ainda estão muito preocupados em vigiar, modelar e principalmente construir corpo de menino e de menina.

Portanto, não há como desvincular a sexualidade de gênero, pois desde cedo somos estimulados e aprendemos a pensar e agir por meio de normas, condutas e atitudes impostas pela sociedade, as quais fazem esta diferenciação.

Na fala dos familiares, participantes deste estudo, fica explícito a importância que se dá às diferenças do corpo do homem e da mulher e o que isto representa no contexto da sexualidade.

Revisando brevemente a história do feminismo, encontramos que as feministas se viram diante de um grande desafio ao tentar demonstrar que não são as características anatômicas e fisiológicas que definem e justificam as desigualdades de gênero. Para elas o que diferencia os gêneros são os modos pelos quais as características femininas são representadas e valorizadas, as formas pelas quais se reconhece e se distingue feminino de masculino, aquilo que torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens é que vai constituir, efetivamente, o que passa à ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico (LOURO; NECKEL; GOELLNER, 2003 p.14).

Por maiores que sejam as tentativas realizadas para se estabelecer a igualdade entre gêneros nos diferentes espaços sociais, ainda são observados valores, normas, ritos e costumes, herdados de nossos antepassados, que interferem em suas ações e modos de agir que mantêm a diferença entre masculino e feminino.

Isto fica ainda mais evidente no ensino da sexualidade realizado pela família, que muitas vezes, ao usar certas convenções impostas pela sociedade, mantêm um modelo educacional preso às diferenças anatômicas entre homens e mulheres considerando isto motivo para desigualdades de direitos, da autonomia e do próprio exercício da sexualidade.

Idéia Central E - Conhecimento de si e do outro

É conhecer a sua sexualidade...(F10) ..as minhas preferências, se conhecer (F2). É saber o que o parceiro gosta,o que não gosta, o que eu gosto e ofereço para o meu parceiro (F2). É quando a menina aprende a se conhecer.(F1).

Neste discurso, os participantes deste estudo, se referem ao auto-conhecimento como uma das mais importantes e complexas dimensões da sexualidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais ao regulamentar a sexualidade como tema transversal da educação, estabelece que o objetivo maior do trabalho do educador é desenvolver no indivíduo um conhecimento adequado de si, que crie um sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética e de relacionamento pessoal, para que seja capaz de agir com determinação na busca do conhecimento e do exercício da cidadania (BRASIL, 1997).

Quando se começou a trabalhar a sexualidade nas escolas, na década de setenta, o enfoque estava centrado na preocupação de pais e professores com o aumento da gravidez na adolescência e com a AIDS, mais do que outra coisa. Nesta época, a maioria dos trabalhos eram voltados para o biológico achando-se que desta maneira, a sexualidade estaria muito bem contemplada. Contudo, este enfoque precisou ser estendido a outras dimensões do ser humano por se entender que a sexualidade é muito mais ampla, que antes de trabalhar o assunto é necessário que o indivíduo se conheça por inteiro, reconheça seus anseios e desejos, percorra seu corpo e sua mente em busca de um auto conhecimento pleno.

Antigamente a sexualidade estava direcionada à reprodução, pois ninguém falava em prazer, desejo, preferências. Entretanto, mesmo nos dias de hoje, dito tempos pós-modernos, encontramos pessoas, principalmente mulheres que desconhecem seus corpos, desejos, sensações e prazeres, tendo a sexualidade como recurso único e exclusivo de reprodução e obrigação matrimonial, esquecendo-se de dar e sentir prazer, desconhecendo a si e o outro (RIBEIRO, 2004).

É na exploração do próprio corpo que a maioria das crianças descobre sua sexualidade, seu prazer e começam a se conhecer. Elas, também, se interessam em descobrir o outro através de brincadeiras, as quais muitas vezes não lhes são permitidos devido a crenças, tabus e preconceitos, o que torna mais difícil o estímulo ao autoconhecimento e o interesse pelo outro (TIBA, 1994).

Muitas vezes, os adolescentes mal conhecem a si próprios e ao parceiro e iniciam uma relação sexual na qual eles julgam reafirmar o grau de masculinidade ou de feminilidade de cada um. Eles buscam apenas o prazer imediato e físico sem conhecer a si mesmo. Ambos, principalmente a mulher, segundo pesquisas do autor citado anteriormente, desconhece sua anatomia e suas zonas erógenas transformando a iniciação da sexualidade em uma experiência menos valiosa (VITIELLO; CONCEIÇÃO, 1990).

Segundo o que preconiza o conteúdo do PCN, a sexualidade deve ser vista de forma integrada buscando o prazer pelo conhecimento de si e do outro, uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem estar.

Portanto o trabalho de educação da sexualidade deve contribuir para prevenir problemas graves que possam ocorrer com os adolescentes auxiliando e proporcionando o desenvolvimento do autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade, ampliando a consciência dos jovens para que tenham atitudes responsáveis.

Idéia Central F – Manifestação de sentimentos e ações

A sexualidade é toda uma sensação do nosso corpo. É o que cada pessoa tem e se manifesta, como age (F7, F3). É o diálogo... a conversa... o toque...o carinho...e o fazer bem para a outra pessoa ...Se sentir feliz! (F2).

Para alguns dos participantes deste estudo a sexualidade envolve atitudes, ações, emoções que estão presentes no ser e agir do indivíduo.

A sexualidade é uma dimensão ontológica que se manifesta na corporeidade, expressa nossa maneira de ser e de estar no mundo. Ela não é apenas uma reação aos estímulos eróticos, ultrapassa o ato sexual uma vez que envolve amor, carinho, troca de palavras, o toque, e o envolvimento entre as pessoas que se expressam e se percebem como homens e mulheres (LABRONICI, 2002).

A autora salienta que a construção da sexualidade envolve aspectos culturais da existência do ser humano e possui um lugar singular do corpo, onde também são incorporadas idéias, imagens, símbolos e desejos. Isto nos faz pensar na amplitude do significado da sexualidade, a qual não deve estar relacionada somente ao ato sexual, reprodução e patologias, dela decorrentes.

Na concepção de Heilborn (1999), a sexualidade é uma das dimensões do ser humano que abrange envolvimento emocional, amor e também reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. Ela não se refere somente às capacidades reprodutivas do ser humano, mas também, a valores, sentimentos, ritos, mitos e práticas, ou seja, à própria a vida.

Idéia Central G – Princípios e valores

Vem muito dos princípios de cada um, não é uma coisa assim que vai se abrindo...que você sai falando... tem que ser cuidado e preservado (F4) acho que está muito aberto porque na minha época ninguém falava, ninguém conversava...(F8). Ela vem da educação recebida dos pais (F4) e envolve a vida familiar (F8). Tem muitas pessoas que estão bem mais abertas, eu não (F4).

Neste DSC, observamos a influência da herança cultural sendo transmitida através da educação recebida dos pais, onde cada um transmite seus valores, princípios, normas e costumes. Os participantes do estudo referem que atualmente a sociedade está mais aberta em relação à sexualidade, mas não deixa de estabelecer normas e valores para seu exercício. Mesmo na pós-modernidade encontramos famílias que conservam valores e princípios mais rígidos para sua prática fazendo com que tabus e preconceitos do passado permaneçam até nossos dias e interfiram na maneira como as pessoas percebem e vivenciam sua sexualidade.

De acordo com estudos de Prust e Gomide (2007), o tipo de educação que os pais fornecem, desde muito cedo, para a criança, e uma infinidade de convenções do que é certo e do que é errado, influenciam as respostas dos indivíduos à determinados assuntos, inclusive sobre sexualidade.

É importante, portanto, compreender os hábitos culturais de uma comunidade, como também a importância do núcleo familiar, com seus tabus, mitos, credences, valores e costumes capazes de afetar o viver do indivíduo e da família (CANO, 1997).

Corroborando com esta idéia Marcon (1999), refere que as diferentes formas de criar os filhos pode ter implicações significativas sobre a forma das crianças vivenciarem o processo de vida e também o seu modo de ser e estar no mundo.

A autora reafirma que, quando se busca identificar os valores e crenças que permeiam a educação dos filhos os pais sentem o quanto os filhos são influenciados pelo meio em que vivem.

Hoje, torna-se um paradoxo falar em princípios e valores em uma sociedade que ao mesmo tempo que exalta o erotismo, através de um aparente liberalismo, reprime e proíbe a expressão da sexualidade. Para Buoncompagno e Sarmiento (1988), a resposta não é simples, fazendo confundir a cabeça dos jovens, muitas vezes gerando importantes conflitos sexuais na adolescência.

Isso nos leva a pensar que o ambiente familiar, as atitudes, os valores e os relacionamentos na família são o meio inicial pelo qual a personalidade da criança toma forma. É justamente este ambiente que dá condições para a pessoa elaborar conceitos a respeito de si, dos outros e das situações que a vida lhes apresenta (ALVES; FISCHMAN, 2001).

Para os sujeitos deste estudo, os valores, os princípios e a educação recebida dos pais, tiveram grande impacto na maneira como entendem a sexualidade. Gostaria de ressaltar que ao entrevistar estes familiares, percebi o quanto a herança cultural interfere na construção dos valores dos pais e no modo como eles vão repassá-los para seus filhos.

Deste modo, acrescento às minhas palavras, os estudos de Sousa; Fernandes e Barroso (2006), quando afirmam que os valores, crenças e costumes fazem parte da vida familiar e acabam influenciando a forma como seus membros se comportam diante das situações, pois segundo Chimelli (2005), a tendência dos filhos imitarem os pais é muito grande, visto que este processo pode até ser explicado através da ciência como parte da evolução da espécie.

Ao falar sobre cultura, Laraia (2006), enfatiza que os pais são sempre educadores e transmitem sua herança cultural para os filhos que passam a adotá-la até mesmo de maneira inconsciente.

Com estas palavras, retorno ao discurso dos familiares quando mencionam o quanto a educação recebida dos pais é importante na compreensão da sexualidade e como os princípios e valores recebidos interferem em seu modo de exercer sua sexualidade e educar seus filhos para praticá-la de forma saudável, prazerosa e responsável.

4.2.2 Percebendo o desenvolvimento da sexualidade do seu filho

Para saber como as famílias percebem o desenvolvimento sexual de seus filhos, foi feita a seguinte pergunta:

Pergunta 2 - Como você percebe o desenvolvimento da sexualidade de seu filho? Dos dados obtidos nesta questão foi possível construir as seguintes IC:

- A. Mudanças e transformações físicas
- B. Mudanças e transformações comportamentais
- C. Diferença no comportamento da menina e do menino
- D. Sentimentos novos

Idéia Central A - Mudanças e transformações físicas

Começam as mudanças no corpo, o crescimento, o aparecimento das mamas (F1), começa a crescer os pelinhos (F2). A minha filha vai completar 13 anos e já veio a primeira vez (F3). Mudou muito com a idade (F1) Claro que a gente percebe que desenvolveu os pêlos pubianos, e axilas (F3). A minha filha o ano passado, com 12 anos estava querendo saber mais coisas... entender... Quando começou a se desenvolver o corpo, perguntava .. porque crescia muito rápido.Quanto ao físico ela achou que estava muito alta, foi a preocupação dela... Quando ela ficou menstruada... ela falou, será que já está na hora? A preocupação dela... é que vem um mês... o outro não vem... daí fomos na ginecologista, ela explicou para ela que é assim (F1, F4). Aquelas curiosidades a gente foi explicando, ela foi comparando o meu corpo com o dela.....foi normal, não teve surpresas (F4).

Os participantes deste estudo relataram que perceberam o desenvolvimento da sexualidade de seus filhos por meio das mudanças e transformações físicas.

Para Munhoz (2006), a adolescência é uma etapa de vida caracterizada por profundas modificações físicas, psicológicas e sociais. Acrescentando a esta idéia Paschoalick (2007), refere que essas mudanças associadas ao crescimento e desenvolvimento que ocorrem no período da puberdade caracterizam esta fase de vida.

Colli (1988), explica que as características do crescimento e do desenvolvimento físicos na época da adolescência podem ser fortemente influenciados pela interação de fatores genéticos e ambientais. Comenta ainda que

essas influências genéticas ou hereditárias aparecem em vários aspectos somáticos da puberdade e que a intensidade de algumas características sexuais, como por exemplo, o tamanho das mamas, a menarca, entre outras é variável de pessoa para pessoa. É importante salientar que embora o fator ambiental tenha sua importância, é principalmente o componente genético responsável pela maioria das variações físicas presentes na adolescência.

Visto a importância de reconhecer as transformações ocorridas neste período e contextualizar o relato dos pais, trago a autora Eisenstein *apud* Fundação Roberto Marinho (2004, p. 28) que escreve sobre as principais modificações ocorridas no corpo de meninas e meninos.

Geralmente para ambos, as mudanças da puberdade iniciam-se por volta dos 11 anos e duram por mais quatro ou cinco anos. Na menina aparece o broto mamário, os pêlos pubianos e a menarca. A partir disto o corpo começa a tomar contornos mais femininos devido ao aumento da massa adiposa. No menino, a primeira transformação é o aumento do volume do testículo e conseqüentemente do pênis, somente depois aparecem os pêlos nas pernas e nas axilas, aumentando também a oleosidade da pele e o desenvolvimento da massa muscular.

Entre oito e onze anos começam geralmente as primeiras alterações da puberdade que provocam no menino ou na menina o início da atração pelo sexo oposto. Por volta dos 12, 13, ou 14 anos começam de fato as mudanças hormonais da adolescência. Os meninos têm a primeira ejaculação e as meninas menstruam pela primeira vez. Apesar de todas estas alterações corporais e do corpo estar quase formado e apto a reproduzir, nesta idade meninos e meninas apresentam uma grande imaturidade emocional e pouca responsabilidade (SUPLICY, 1995).

Para Simonetti (1998), é fundamental saber que as mudanças e transformações da adolescência podem ocorrer entre jovens do mesmo sexo, porém em ritmos diferentes. É necessário que os pais estejam esclarecidos sobre as mudanças que ocorrem com seus filhos durante a adolescência para que possam observar e entender este processo de transformação.

Estas geralmente ocorrem de maneira diferente nos dois sexos. Nas meninas, os seios começam a crescer, o que, na maioria das vezes, provoca uma grande excitação e preocupação visto que é símbolo de feminilidade, aumento dos pêlos pubianos e aumento dos quadris. O aparecimento das mamas nas meninas é motivo de grande exaltação, como é uma alteração externa e visível, o sentimento

em relação a isto pode variar de uma para outra. Algumas os salientam mais para que todos percebam, outras, tomadas pelo constrangimento, começam a usar roupas largas para disfarçá-los.

Para o menino, as primeiras mudanças normalmente ocorrem nos testículos e no escroto, eles ficam maiores e mais alongados. Na medida que a puberdade se estende os pêlos pubianos aumentam, as glândulas sudoríparas ficam mais ativadas e a coloração do pênis e do escroto tornam-se mais escuras.

Ambos sofrem mudanças significativas no decorrer deste período e, tanto para um como para o outro, estas mudanças provocam alterações no modo de ser, de sentir, de agir e de viver a vida.

Segundo Aberastury e Knobel (1986), estas mudanças são observadas no menino e na menina e fazem parte da própria puberdade e adolescência. Ela compreende o crescimento repentino, desenvolvimento das características secundárias (crescimento de pêlos, seios e mudanças na voz), cheiro mais forte, iniciação da capacidade de reprodução (menstruação e ejaculação).

Porém, o mesmo autor ressalta a importância dos jovens saberem que tudo isso não precisa necessariamente ocorrer nesta mesma seqüência e ser igual para ambos os sexos.

Compreendo que tornar-se adolescente é deixar de ser criança, é experimentar mudanças físicas importantes e poder gerar filhos. É com este pensamento que ressalto a importância de discutir com pais e filhos as particularidades destas mudanças e suas implicações para a prática da sexualidade.

Idéia Central B - Mudanças e transformações comportamentais

A cabeça é de criança mas a gente percebe as atitudes, o comportamento... começam a querer se arrumar um pouquinho mais...os papos são diferentes,não quer coisas de criança (F1,F2,F8),querem cinema, ficam conversando sobre menino (F1),quando falam de namorado fecham a porta (F2), tem vergonha de tirar a roupa na frente da gente, (F1) a menina, tem uma certa restrição, fica acanhada...Até 2 anos atrás ela não se interessava em ficar falando com a amiguinha,hoje já liga. Ela sabe como as coisas acontecem só não acordou ainda acho que ela não tem a percepção do lado sexual (F2). Muda o humor, tem dias que está um doce, tem dias que está rebelde (F3,F10). Minha filha mais nova está bem mais atiradinha, eufórica, você vê que os hormônios estão ativados... você percebe por causa dos meninos...está mais com os piás do que com as meninas. Já deu seus beijinhos, teve casinho, está meio complicadinha...(F8). Minha filha é fechada, se ela comenta alguma coisa é mais a título de piada...Não manifestou nada no sentido de namorar, de gostar... nunca percebi nada!

(F6,F9) ela não se preocupa em estar bem arrumada,não gosta de se cuidar. É bem resolvida intelectualmente, gosta de estudar, é bem feliz (F10). Começou a ficar muito “temeroso”, não tomava banho e não tirava a roupa na frente de ninguém de casa. Teve uma época que quando ele olhava para a gente ele olhava lá para a “perereca” (risos) (F5) Agora ele é mais envergonhado. Está mais vaidoso, cuida para não engordar, está sempre cheiroso (F6). Está começando a descobrir a sexualidade...está mais reservado, quando vai tomar banho tranca a porta. Percebo uma seriedade maior, mais responsabilidade, ele conta tudo que acontece, não esconde nada (F7).

A maior parte dos participantes deste estudo relatou que perceberam o desabrochar da sexualidade dos filhos por meio de mudanças e transformações comportamentais.

As mudanças comportamentais na adolescência representam uma característica do desenvolvimento desta etapa de vida que afeta não só o próprio adolescente como também todos os que fazem parte de sua vida.

O período da puberdade e da adolescência pode ser comparado a um renascimento onde começa a busca pela identidade e pela autonomia, modificando a forma de ver a vida e de entender as pessoas. Pode-se dizer que é uma época confusa, onde um turbilhão de idéias e de pensamentos começa a surgir nos adolescentes, causando também significativas mudanças no comportamento (CHIMELLI, 2005).

Muitas famílias têm dificuldade de lidar com as mudanças em relação ao comportamento do filho adolescente, pois elas muitas vezes podem desencadear conflitos entre pais e filhos causando, em algumas situações, uma certa tensão familiar (CANO,1997).

O adolescente é um ser repleto de sonhos, expectativas, ansiedades, necessidades, crenças, valores e conhecimentos próprios, portanto é compreensível que todas estas mudanças ocorram de maneira diferente em cada indivíduo (MARQUES; VIEIRA; BARROSO, 2003).

Para Jardim e Brêtas (2006), o adolescente está sob intensas transformações estimuladas pela ação hormonal, o que acarreta uma série de variações comportamentais que dificulta o relacionamento dele com outras pessoas.Ele tende a se comportar de maneira inconsciente e imprevisível, pois seu universo está se ampliando, o mundo se abre diante de seus olhos e muitas coisas e assuntos que pareciam não existir começam a lhe interessar.

O autor ainda acrescenta que as principais mudanças e transformações observadas são: as oscilações de humor, o despertar para o sexo oposto, a ânsia pela autonomia e pela busca da identidade, o gosto pela companhia dos amigos, o afastamento dos pais entre outras modificações próprias da idade.

Na adolescência as alterações comportamentais e emocionais são vividas com muita intensidade podendo haver uma grande confusão, pois ora agem como adultos rebeldes em busca de liberdade, ora agem como uma criança que precisa de proteção (AMARAL; FONSECA, 2006).

Ter consciência do que representa para os adolescentes e para suas famílias esta variação comportamental possibilita ao enfermeiro realizar ações mais eficazes para ajudá-los e apoiá-los a enfrentar as mudanças próprias desta etapa de vida e as crises que elas podem gerar.

Idéia Central C - Diferença no comportamento da menina e menino.

Existe uma diferença entre a menina e o menino.(F1,F2)..Nas meninas começa a atração mesmo de menina com menino... aquela fantasia (F2)Os meninos são bem mais imaturos do que as meninas! Veja bem... 14 anos... não namora (F5).

Os participantes deste estudo, disseram ter percebido diferenças no comportamento de seus filhos, meninos e meninas, em relação ao desabrochar do interesse pelo sexo oposto.

A puberdade é uma fase em que as diferenças sexuais entre homens e mulheres aparecem ainda mais, pois eles possuem maneiras diferentes de enfrentar as diversas situações de vida, têm expectativas diferenciadas, geralmente ocasionadas pelo tipo de educação recebida (WILSON, 1998).

Estudos realizados por Amaral e Fonseca (2006); Ventura e Corrêa (2006), revelam que nos últimos tempos aconteceu uma antecipação das idades tanto das meninas como dos meninos para a iniciação sexual. Isto pode ser justificado, pelo aumento no consumo de anticoncepcionais, cada vez mais precoce pelos jovens e pelo incentivo transmitido pela mídia.

Antigamente os meninos iniciavam suas atividades sexuais mais cedo do que as meninas e maior parte deles realizava sua iniciação sexual com prostitutas ou mulheres mais velhas. Hoje, geralmente, eles iniciam sua vida sexual com suas próprias namoradas ou colegas. Esta conduta deve-se, em parte, à herança

transmitida através dos tempos onde se observarmos a história da sexualidade vamos encontrar que no Brasil, durante muito tempo as moças eram obrigadas a se casarem virgens e os meninos a terem várias experiências sexuais antes do casamento.

Atualmente as meninas também já não valorizam tanto a virgindade e tem maior autonomia no que diz respeito a iniciar sua vida sexual. Este processo se deve as mudanças que ocorreram na organização da família ao longo da história, onde houve reformulação de valores e costumes que interferiam na questão de gênero e conseqüentemente em sua sexualidade (ZAGURY, 1999).

Os participantes deste estudo relatam que as meninas, em sua maioria, apresentam maior maturidade quando se refere a sexualidade.

Segundo Suplicy (1995), homens e mulheres amadurecem de maneiras diferente e em tempos diferente e vivenciarão sua sexualidade também de modo peculiar.

Ao analisar o comportamento de adolescentes, Amaral e Fonseca (2006), constataram que os meninos interessam-se mais precocemente pela sua iniciação sexual, o que ocorre por volta dos 12, 13 ou 14 anos e priorizam o prazer e não se preocupam com o que falam sobre seu comportamento. Já em relação às meninas, há um controle maior por parte da família, o que as faz iniciarem a atividade sexual mais tarde, e também, apresentarem um temor relacionado à gravidez.

Deste modo, podemos afirmar que os corpos feminino e masculino são diferentes não só anatomicamente, mas também em seu funcionamento. É importante salientar que apesar das diferenças, homens e mulheres são iguais em termos de direitos e oportunidades, porém estas diferenças foram construídas ao longo da história por meio de valores, atitudes, crenças e costumes criados pela própria sociedade (RIBEIRO, 2004).

Idéia Central D - Sentimentos novos

Até para conversar com a gente ela fica com vergonha, inibida... prefere comentar com as amigas do que com a gente (F1,F7,F9). Ela está amadurecendo, está despertando alguma coisa (F3). Ela está mais tranqüila...lida mais naturalmente com menstruação (F4). Com 11 anos eu percebo que ele está mais aberto não tem vergonha de se mudar na minha frente está bem desinibido...um pouco mais nervoso... Não fala de menina, não comenta nada... (F5) a gente sabe que tem ficado só não diz com quem... nem quando. Já faz as armações dele, combina cineminha... já tem

casinho (F7).. Quando a minha filha começou a namorar a gente também conversou com ela, porque é a primeira vez que ela namora..se apaixonou...acha que o mundo vai acabar...mas, não tem apresentado grandes conflitos... (F9 ,F10). Em relação à sexo ela não tem dúvida mas, ao mesmo tempo, eu acho que ela tem alguma coisa, só que ela não se abre com a gente (F10).

Os participantes deste estudo relatam que tem observado que seus filhos adolescentes vivenciam sentimentos como vergonha, inibição/desinibição, tranquilidade e nervosismo.

A adolescência é um momento da vida especial, pois é uma época em que muitas coisas novas acontecem e sentimentos novos são experimentados. É nesta fase que a sexualidade se expressa através do corpo do outro, pela sedução e aparecimento de novos sentimentos e novas emoções. Neste período o adolescente passa a vivenciar situações complexas, multifacetadas e, muitas vezes, marcadas por tensões relacionadas ao tipo de comportamento que vão adotar (OLIVEIRA *et al*, 2007).

Na adolescência os sentimentos podem ser comparados a uma explosão de energia, tamanha é a amplitude das emoções vividas e sentidas, pois para os adolescentes que estão iniciando suas experiências afetivo-sexuais, as emoções borbulham e os conflitos mostram-se muito mais frequentes e intensos gerando muita ansiedade e tensão (AMARAL; FONSECA, 2006).

É bastante comum neste período os adolescentes se afastarem dos pais em busca da própria identidade. As contestações aumentam, provocando reais situações de conflito (TIBA, 2005).

Em relação à primeira experiência sexual, talvez ela seja uma das preocupações mais importantes para o adolescente. Entretanto, quando ele toma essa decisão, vários sentimentos surgem entre eles, o desejo e o medo. O desejo relaciona-se à descoberta de novas emoções e o medo refere-se à possibilidade de uma gravidez indesejada e suas conseqüências (ZAGURY, 2002).

O vivenciar das diferenças, o desejo sexual, as mudanças físicas e comportamentais, o namoro representam apenas algumas das inquietações pelas quais os adolescentes passam.

A percepção da necessidade e do desejo sexual acontece de forma diferente para meninos e meninas. Isso talvez possa ter relação com as

características biológicas ou com a própria repressão da sexualidade da mulher ocorrida, ao longo dos tempos, em muitas sociedades (SUPLICY, 1995).

Para a autora, as expectativas em relação ao namoro também ocorrem de maneira diferente para os dois sexos. Os meninos ao iniciarem seus namoros desejam muito tocar a menina, beijar e ter o máximo de intimidade sexual, já as meninas, mais românticas, pensam em namoro, amor e romantismo. Os sentimentos das meninas e dos meninos são muito diferentes e acontece em ritmo desigual para ambos, embora tenham o prazer de vivenciá-los.

A intensidade dos sentimentos e a rapidez com que as emoções acontecem fazem da adolescência uma fase de conhecimento de si e do outro, de avaliação e afirmação de si mesmo dentro do grupo social. É nesta fase, que os amigos e amigas tem maior importância do que qualquer outra pessoa (KNOBEL, 1981).

À medida que o corpo vai se modificando, novas emoções vão surgindo e transformando aquele ser que até então não tinha vontade própria e aceitava o que os pais lhe falavam em um indivíduo contestador, repleto de idéias novas que valoriza muito mais a turma de amigos do que a própria família (MANDÚ, 2001).

É fundamental que os pais entendam este misto de sentimentos para que possam lidar melhor com as diferenças e com as mudanças advindas das descobertas e de novas emoções, pois, muitos adolescentes, podem ter dificuldades em entender seus próprios sentimentos e atitudes.

4.2.3 Orientando os filhos sobre sexualidade

A questão: Como você orienta seu filho sobre sexualidade? Quais dificuldades e/ou facilidades? Permitiu construir as seguintes IC:

- A. Facilidades relacionadas com a educação recebida
- B. Modos de educar
- C. Dificuldades relacionadas com a educação recebida
- D. Conversa franca entre pais e filhos
- E. Dificuldade de comunicação entre pais e filhos
- F. Ensino de valores
- G. Educação sexual compartilhada com a escola

H. Educação construída baseada na diferença de gênero

I. Maior acesso a informações

Idéia Central A – Facilidades relacionadas com a educação recebida

O tema sexualidade em casa, com meus pais, foi assim... meu pai, andava pelado dentro de casa..minha mãe pelada..dentro da nossa casa, fechadinho, tudo certinho, não tem essa de esconder a sexualidade, não tenho vergonha (F2). A gente foi estudar, fazer faculdade, eu muito e se informou. Desde adolescente tinha mais informações do que nossos pais (F10). Para mim é tranquilo falar por causa do estudo, é mais fácil, tive uma formação privilegiada... estudei em colégio interno... Minha educação sexual vem de muito cedo, me sinto bem informado, a própria vivência dentro do colégio interno ajudou a passar pra ele de forma correta (F7,F3).

Os participantes do estudo relataram a influência que o modelo educacional recebido exerceu sobre eles quando tiveram que orientar seus filhos sobre sexualidade.

Os pais que tiveram uma educação adequada em relação à sexualidade, onde podiam expressar-se, falar do assunto e obter mais informações apresentaram menos resistência e constrangimento em abordar o assunto com seus filhos.

Como o próprio DSC revela, os pais participantes deste estudo reconhecem que o tipo de educação recebida ajudou-os a enfrentar a tarefa de orientar seus filhos sobre sexualidade.

A cultura familiar exerce importante influência no desenvolvimento da criança. Levando-se em conta que a sexualidade faz parte deste processo é preciso que a família conheça seus valores, crenças, mitos, ritos e costumes que dizem respeito à sexualidade, pois são determinantes do tipo de educação que será dada ao adolescente. A maneira como a criança é educada e socializada vai repercutir em suas atitudes tanto na adolescência como na vida adulta (ALVES; FISCHMAN, 2001).

A cultura e a dinâmica familiar são muito importantes no processo de desenvolvimento da criança, pois é em casa que se adquire quase todos os modelos básicos de comportamento. Dependendo da atitude dos pais relacionadas a várias questões, inclusive a sexualidade, os filhos criarão formas de pensar, agir e viver diferentes (PRUST; GOMIDE, 2007).

Assim, a família segundo Cano (1997), apesar de todas as transformações, a família tem um papel único na transmissão da herança cultural principalmente durante o processo de crescimento e desenvolvimento infantil.

Outro fator importante que determina o grau de facilidade ou dificuldade sentido pelos pais para orientar seus filhos sobre sexualidade, como eles mesmos referem, é a formação, ou seja, o grau de informação que eles possuem em relação a sexualidade e a sua própria busca por este conhecimento, através do estudo.

A discussão com os pais sobre as questões da sexualidade ajuda a favorecer o relacionamento entre pais e filhos a medida que sendo esclarecidos e tendo mais informações sentem-se mais preparados para orientar seus filhos. Esta discussão propicia momentos de reflexão dos pais sobre suas atitudes e valores acerca da sexualidade (CANO, 1997).

Desta maneira é necessário que os pais prestem atenção como estão lidando com a sexualidade dos filhos e que também repensem a sua própria sexualidade.

Muitos pais esforçam-se para adquirir conhecimentos em relação à educação sexual para melhor orientar seus filhos outros preferem repetir o exemplo dos próprios pais, na transmissão destes conhecimentos.

Todos estes fatores culturais são influenciados pelo modo como vivemos e aprendemos através de valores e costumes de ordem religiosos, social, político, educacional, econômico, e ambiental (LEININGER *apud* SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Idéia Central B - Modos de educar

Eu aproveito a situação e comento quando a gente vê uma situação que não é certa, uma coisa assim... eu sempre procuro colocar o meu pensamento eu espero o momento...um acontecimento (F3,F4). Explico bastante o comportamento conforme ela fala alguma coisa eu falo se sabe o que significa (F1,F3). No caso da camisinha, ela pediu, eu comprei e mostrei dai ela falou, mãe isto é nojento. Eu falei: é bom você conhecer ,se alguém fizer alguma brincadeira... alguma coisa(F4). A gente deixou as coisas muito abertas. Quando minha filha começou a namorar eu senti necessidade de chamar para uma conversa, no sentido de orientar vários assuntos então, descobri que estava transando com o namorado e eu falei vamos para o médico...Acho que é uma coisa que tem que ser falada seguida... (F5,F9). Mas aqui em casa é assim... nada de ficar escondendo... Não adianta tampar o sol com a peneira... isso é uma coisa normal... tentar encerrar... Não vejo necessidade de dizer chegou o momento, vamos conversar... não gosto muito de chamar para conversar. Você não tem muito que falar, tem

mais que agir (F5,F7,F8,F9). Cada um tem seu jeito de orientar,sua maneira (F10).

Neste DSC, os participantes deste estudo relataram o modo que encontraram para ensinar, falar, e lidar com as questões relativas à sexualidade que surgem no dia a dia de seus filhos.

Observa-se, neste discurso, que os pais educam seus filhos sobre sexualidade, pois, cada um, com seu modo, procura passar a sua maneira de pensar, de viver e de encarar os problemas e lidar com as questões de sexualidade que aparecem no decorrer de sua relação com seus filhos.

Percebe-se, também, o quanto eles tentam achar a melhor maneira de educar e de falar de sexualidade com seus filhos. Em seus relatos eles reconhecem que cada família tem um modo de educar, influenciadas por seus costumes, valores e crenças.

Para Ribeiro (2004) toda a família realiza a educação sexual de seus filhos, mesmo aquelas que não falam abertamente sobre o assunto estão transmitindo valores, pois, mesmo com o silêncio eles demonstram como a sexualidade é vivida no seio da família.

A tarefa de educar no seu sentido social, ético e moral, é uma responsabilidade dos pais. Sem dúvida educar constitui uma ciência e uma arte. Como arte, não existem regras fixas, já que cada caso é diferente; mas, às vezes, é uma ciência, e como tal é necessário conhecê-la, estudá-la e dedicar-lhe horas de trabalho (COROMINAS, 2005, p. 3).

Para o autor, a educação dos filhos, por ser um processo único e isento de padrões pré-determinados, é bastante complexo, sendo vários os fatores que deverão ser levados em consideração. Para ele, neste processo, é fundamental que os pais levem em conta os conhecimentos inato e genético que os filhos possuem, pois estas informações lhes permitirão orientá-los e guiá-los no momento certo e da maneira mais adequada.

Não é tarefa fácil achar o modo mais eficaz de educar os filhos nos dias de hoje, pois, vivemos numa sociedade onde os valores já não são mais os mesmos, confundindo a cabeça dos pais, os quais, muitas vezes, não sabem que caminho escolher. Se esta dificuldade é sentida pelos pais na educação de um modo geral, imagine quando se trata da sexualidade.

A educação consiste em um aperfeiçoamento interno que acontece através de relações interpessoais, ocorridas principalmente na família, pois é nela que se forma a pessoa, em seus aspectos biológico e espiritual onde a sexualidade faz parte (HOZ, 1998).

Para este autor, a educação sexual está vinculada a todas as manifestações da pessoa humana, é um tema bastante amplo, sendo necessário uma ação educativa eficaz para que os adolescentes possam exercê-la, de forma correta, harmônica e com responsabilidade.

Para ele, o educador transmite uma série de estímulos, tais como o estilo pessoal, sua própria conduta, seus juízos de valor, os quais aos poucos vão penetrando na mente do educando.

Idéia Central C - Ensino de valores

A gente procura sempre mostrar o correto, o verdadeiro as conseqüências. (F3,F6). Tem que pensar mais em estudar... tem que ter os seus limites... Tudo tem seu tempo,(F1,F2,F6) ...não é porque suas amigas estão saindo que você vai ficar saindo... transando. Tem que cuidar com os meninos... eu falo para ela que a menina tem que se dar valor, não pode correr atrás dos meninos, porque fica mal falada. Não poder ficar com um... com outro, tem que ser mais reservada (F8) a mulher tem que ser só de um homem... se guardar. Muitos casais acham que sexo é só relação sexual mas sexo tem que ser com amor e tem que existir fidelidade... que família é a coisa mais importante que tem (F4). A gente tenta ensinar o respeito, se dar respeito e depois respeitar a outra pessoa (F6,F7). Tem que ter consciência das conseqüências, da responsabilidade de uma escolha (F9, F10) Procuo passar para ele que ele deve se organizar...respeitar sua sexualidade..daí a vida fica muito mais fácil, porque uma gravidez não planejada, complica para os dois lados (F3,F4,F6,F7). A gente sabe que hoje a tendência... é fazer sexo cada vez mais cedo, isso é mostrado pela televisão, pelas novelas... o excluído é quem não faz sexo mas, não é bem assim, tem que ser com responsabilidade..sem se vulgarizar, se respeitando..(F10) a gente faz isso porque tem medo que elas sofram... (F9).

Neste DSC, os participantes deste estudo, demonstraram a preocupação que a maioria dos pais tem em ensinar os filhos o respeito a si e com o próximo, responsabilidade na maneira de exercer sua sexualidade e de comportar-se em sociedade.

Isto significa que se os filhos adolescentes crescerem em um ambiente familiar onde aprendam a serem respeitados e a respeitar, eles, também, aprenderão a respeitar o direito do próximo e entenderão que todo ser humano é diferente, mas que deve ser respeitado. O ambiente familiar é o local onde os

valores são fortemente aprendidos e enraizados, pois é na família que inicialmente os indivíduos vivenciam e incorporam valores, crenças, ritos, mitos e costumes necessários e importantes para se viver em sociedade (NOLTE; HARRIS, 2005).

O que se aprende em casa influencia na atuação ética e moral dos indivíduos conseqüentemente, ensina-o a comportar-se como ser livre e responsável. Portanto são os pais que tem obrigação de manter vivo um conjunto de valores, no seu sentido genuíno e na sua verdadeira dimensão (COROMINAS, 2005).

É da família que são herdados conceitos e valores que, muitas vezes, perduram por muito tempo e que podem trazer benefícios ou prejuízos para a vida adulta. Podemos considerar a unidade familiar como o primeiro lócus de aprendizagem. Assim, é importante que ela procure orientar e cuidar para que os valores de família sejam transmitidos, inclusive aqueles que interferem no exercício da sexualidade (MARQUES; VIEIRA; BARROSO, 2003).

Atualmente os pais de adolescentes vivenciam grandes incertezas quanto ao futuro de seus filhos, pois a inversão de valores, o culto á beleza e o estímulo ao consumismo, muitas vezes, fazem a família perder o rumo de seus verdadeiros valores (ALVES; FISCHMAN, 2001).

Percebe-se, um mundo de incertezas e inseguranças onde, de acordo com as autoras, o censo de moralidade, liberdade e integridade está no seio da família, sendo necessário transmití-los aos mais jovens, desde cedo, para que eles possam viver em sociedade de forma harmônica e saudável.

São as famílias que se encontram numa situação de insegurança e desamparo em relação à educação dos filhos, pois, são tantos os apelos e ameaças aos princípios morais e à vida que, torna-se difícil a tarefa de transmitir aos filhos, valores consistentes que contribuam para sua formação moral sólida.

Hoje, vivemos um período de transição para a construção de um sistema de valores relacionado à sexualidade o que leva os pais a terem muitas dificuldades e dúvidas sobre o quê e como orientar seus filhos sobre o tema (CANO; FERRIANI, 2000).

Ao mesmo tempo em que vivemos em uma sociedade onde o apelo erótico é muito grande, exposto através de revistas, novelas, filmes entre outros, falar de sexualidade constitui-se ainda em tabu para muitas famílias o que acaba dificultando o processo de educação sexual de seus filhos.

Mesmo diante de todas estas dificuldades, os pais encontram maneiras diferentes de educar seus filhos sobre sexualidade. É dentro da família que crianças e adolescentes vão adquirindo elementos básicos para formar o seu referencial frente à vida e desenvolver hábitos fundamentais para enfrentar o seu dia-a-dia de acordo com o que lhes é passado. Isto inclui não só as preparações física, moral e espiritual, mas também ensinamentos de como viver a sexualidade com dignidade (HOZ, 1998).

Idéia Central D – Conversa franca entre pais e filhos

A gente sempre conversa, lá em casa tudo é aberto (F1,F3,F7) quero prevenir antes que ele descubra coisas novas (F2) Eu não tenho dificuldade, a gente sempre está junto, a gente é muito amiga, ela é bem aberta, temos liberdade. Eu não tenho dificuldades com ela (F4), ela conta tudo, outro dia, veio me contar, já transamos... a gente tenta explicar e fala que a coisa é bem mais complexa do que eles pensam (F5). A gente está presente,... não esconde nada... não põe panos quentes, a gente responde com franqueza e naturalidade... não existe tabu... nenhuma preocupação em ficar enfeitando. Sempre me coloco à disposição. A sexualidade é uma coisa natural e se houver dúvidas ele irá nos procurar e terá esclarecimentos. Quero sempre estar disponível, com tranqüilidade e sem dificuldade nenhuma (F7). É melhor ter informação agora do que mais tarde ter uma situação pior (F10).

Observa-se neste DSC que a maioria dos pais, participantes deste estudo, relatou ter tranqüilidade para conversar com seus filhos sobre sexualidade. Eles acham importante ter uma conversa franca com seus filhos, pois acreditam que este tipo de conversa permite uma aproximação entre eles, facilita a comunicação e a relação familiar e oportuniza uma educação sobre sexualidade adequada, baseada na franqueza, naturalidade e responsabilidade.

Eles acreditam no diálogo como forma de estreitar laços com os filhos e melhorar a comunicação entre ambos.

A comunicação da família com os filhos, durante o período da adolescência, embora às vezes difícil, deve ser estimulada, pois é nesta fase que os filhos querem e necessitam receber mais informações e se os pais não as fornecem eles acabam procurando-as entre os amigos ou na rua, pois eles precisam ter respostas para as suas dúvidas.

Diante da falta de orientação, comunicação familiar, o adolescente tende a procurar informações com outros adolescentes ainda mais ou igualmente imaturos o

que contribui para a prática do sexo inseguro e aquisição de falsas informações (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Segundo Marques; Vieira e Cardoso (2003), a família deve utilizar a conversa e o diálogo como estratégia para orientar seus filhos sobre sexualidade, fazendo-os compreender melhor o tema, tirando dúvida.

Para os autores o diálogo franco com os filhos pode ser considerado uma forma facilitadora para melhorar o processo de comunicação entre adolescentes e família podendo ser um momento de reflexão de sentimentos, de auto-expressão, de exteriorizar pensamentos e sentimentos, de confrontar e estabelecer limites. É importante que a conversa entre pais e filhos seja permeada de sentimentos como honestidade e confiança, pois, é preciso que os filhos sintam que não existem barreiras de comunicação na família.

Ao falar sobre sexualidade com os filhos, os pais necessitam utilizar a franqueza e honestidade, ter consciência da importância da maneira como falam de amor e sexo, pois este tipo de assunto precisa ser conversado de acordo com o grau de amadurecimento do adolescente e ser relevante às ocorrências da etapa de vida que está vivenciando (NOLTE; HARRIS, 2005).

Nos momentos de diálogo familiar é essencial que os pais procurem estimular o adolescente a ter uma postura reflexiva e crítica diante das questões de sexualidade. É preciso incentivar sua verdadeira capacidade de refletir criticamente sobre as mudanças, transformações e dúvidas que ele está experimentado (WAGNER, 2005).

A relação interpessoal entre pais e filhos é única e como tal deve ser aproveitada em cada minuto, pois é neste momento, que tanto pais como filhos se mostram, abrindo o coração e falando de coisas que, muitas vezes, permanecem por toda a vida.

Idéia Central E - Educação sexual compartilhada com a escola

Ela é muito bem orientada na escola (F8) elas já tinham informações suficientes pois, desde cedo, desde o prezinho, tiveram isso e foram evoluindo (F9) Tanto na escola que ela estudou como aqui informaram muito bem, foi muito bom, a gente aprendeu (F10) um pouquinho na escola, um pouquinho em casa, ela também vai se descobrindo, a coisa flui melhor (F2,F6).

Alguns pais, participantes deste estudo, reconhecem o papel da escola enquanto educadora e aliada na educação da sexualidade de seus filhos. Eles citam a importância que a escola teve na formação sexual de seus filhos, referindo que muitas das informações adquiridas por seus filhos foram fornecidas pela escola.

Muitas vezes os pais depositam uma responsabilidade tão grande na escola pela educação sexual de seus filhos que deixam de fazê-la ou acham que esta responsabilidade não lhes compete. Embora a escola seja um importante local de aprendizagem sobre sexualidade a família também é fundamental nesse processo.

A escola pode ser considerada uma parceira, uma aliada na formação da opinião consciente de crianças e de adolescentes, por isso os trabalhos de educação sexual devem ser articulados entre a família e a escola com objetivo de juntos promoverem a saúde desta população (MARQUES; VIEIRA; CARDOSO, 2003).

A educação sexual ou educação da sexualidade constitui um tema bastante amplo por estar relacionado a todas as manifestações da pessoa humana. A preocupação com a educação da sexualidade teve início principalmente como uma forma de dar soluções aos problemas sociais como à gravidez na adolescência, o aumento do número de DST e o aparecimento da AIDS (HOZ, 1998).

Mais tarde, segundo este autor, a finalidade da educação sexual se ampliou no sentido de dar a educação uma visão mais integral do indivíduo, visto que a sexualidade é considerada um elemento de formação da pessoa. É com esta idéia que as questões da sexualidade começam a serem desenvolvidas juntamente com a educação formal nas escolas.

Inicialmente, a educação sexual na escola era essencialmente voltada para o estudo dos órgãos de reprodução feminino e masculino, tinha conotação totalmente biológica deixando de fora outras questões como, família, amor, namoro, virgindade, masturbação, auto-estima entre outros.

A partir do PCN o enfoque da educação sexual na escola mudou. Por meio do PCN foi justificada a importância da inclusão da orientação sexual como tema transversal nos currículos escolares, onde se fala sobre o papel do educador e da escola e os objetivos gerais a serem atingidos pelos alunos do ensino fundamental. O objetivo deste documento está em fazer com que técnicos, professores, equipes pedagógicas, bem como pais e responsáveis, promovam reflexões e discussões com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica para o desenvolvimento dos

alunos, levando-se em conta os princípios morais de cada um dos envolvidos e respeitando também os direitos humanos.

Partindo do princípio que a sexualidade está presente em todos os indivíduos, é fundamental que ela seja trabalhada tanto na instituição escolar como na familiar. A educação sexual não deve ser realizada apenas valorizando os aspectos biológicos do ser humano, nem reforçando tabus e preconceitos, ela deve ser feita de forma integral envolvendo crianças e adolescentes em todos os seus aspectos e respeitando os valores e costumes da sociedade em que vivem.

Na perspectiva sobre o quanto é importante a educação sexual dos filhos ser compartilhada com a escola e que esta tenha conhecimento de sua importância enquanto educadora de indivíduos e fonte de educação é que Corominas (2005), define o processo de educação como sendo comunicação e diálogo e não simplesmente a transferência de saber, mas, sim o encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Quando transportamos estas palavras do autor para a educação sexual tomamos consciência de que ela é muito mais do que um simples passar de informações sobre questões da sexualidade, pois ela envolve valores, princípios, crenças e costumes.

Embora os pais muitas vezes tenham conhecimento sobre o assunto, eles acham-se despreparados e com dificuldades para orientar seus filhos sobre sexualidade esperando que a escola exerça este papel em seu lugar (RADINIZ, 2005).

Muitas vezes eles sentem-se aliviados por ter um profissional que discuta com seus filhos assuntos relacionados à sexualidade. Embora alguns pais pensem desta forma, é importante não esquecer que a educação sexual é prioritariamente uma competência da família porque é considerada peça chave na formação da identidade do indivíduo. Mesmo que os pais não conversem com os filhos é através deles que os filhos terão as primeiras noções e percepções do que é ou não adequado. A escola pode incentivar mesmo que indiretamente a família a exercer o seu papel, à medida que auxilia e prepara os pais para esta tarefa (JARDIM; BRÊTAS, 2006). Portanto, a escola deve trabalhar não só com seus alunos, mas também com suas famílias fazendo-as refletir sobre sexualidade e escutar o que seus filhos aprenderam, ou querem aprender.

Idéia Central F - Educação construída sobre a diferença de gêneros

Para mim é mais fácil falar da minha filha porque uma relação mãe e filha é mais fácil do que com o menino. Tenho mais abertura com ela, penso por ser menina estar falando sobre isso principalmente falar sobre essa parte sexual é constrangedor (F5,F10). Com o meu filho já conversamos sobre sexo mas nunca foi tão aberto porque eu não sei como fazer, o que dizer.. Nós conversamos, mas é complicado... porque os meninos são mais difícil de se abrir do que as meninas. Eu vejo muita diferença, ele nunca pergunta nada sempre foi mais quietão, não dá abertura...é duro... (F5). Com o meu filho, com ele, estou tranquilo, não falta orientação porque com ele, desde os 15 anos, sentei e conversei. Não tive dificuldade nenhuma, com o menino foi diferente, com ela como pai fica difícil para mim (F2).

Neste DSC, observa-se que os pais, participantes deste estudo, possuem dificuldades para orientar seus filhos sobre sexualidade, dependendo do gênero a que eles pertencam. Mesmo os pais, que dizem conversar com seus filhos sobre sexualidade, confessam ter dificuldades para orientá-los quando os filhos pertencem ao sexo diferente do seu. O pai refere que é mais fácil conversar com os filhos homens e as mães com as filhas mulheres. Para as mães os filhos são mais fechados e não dão abertura.

A questão do gênero e da sexualidade sempre esteve presente no processo educacional onde desde pequenos somos conduzidos a agir de maneira diferente quando relacionamos o sexo feminino e masculino. Na maioria das famílias normalmente observamos padrões de comportamento relacionados ao homem e à mulher (LOURO; NECKEL; GOELLNER, 2003).

Desta maneira, desencoraja-se homens e mulheres a conhecer o corpo do outro, restringindo-se ao conhecimento apenas do seu próprio sexo, ou seja, meninos sabem mais da anatomia e funcionamento do corpo masculino e meninas do corpo feminino. Estes conceitos que se iniciam na infância são levados para a vida adulta e muitas vezes repetidos por várias gerações.

Os autores, comentam que diversos estudos foram realizados e que levantaram informações de como esta questão de gênero era levada em conta nas relações de trabalho, nas práticas educacionais e como eram reproduzidas nos materiais didáticos e livros. Isto nos permitiu entender porque temos um modelo de formação não só dentro das famílias, mas na própria sociedade, o que acaba dificultando pais e mães a falarem de sexualidade com filhos e filhas.

Referem ainda que algumas estudiosas feministas argumentam que são os modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas, as

formas pelas quais se reconhece e se distingue feminino e masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir, efetivamente o que passa a ser feminino ou masculino (LOURO; NECKEL; GOELLNER, 2003).

Para Carvalho e Barros (2000), as representações de masculinidade e feminilidade que se estabelecem e que orientam o currículo, as práticas pedagógicas, as formas de organização do ambiente escolar nos diferentes grupos de ensino, contribuíram para estabelecer a dificuldade em falar com os filhos sobre sexualidade.

Este modelo educacional foi fortemente inculcado nas pessoas as quais hoje passam a delegar a educação sexual da menina para a mãe e do menino para o pai. O fato de ser homem não impede o pai de falar e orientar a filha, o mesmo acontece com a mãe que, muitas vezes, se depara com a tarefa de ter que explicar para o filho questões relacionadas com a sexualidade (LOURO; NECKEL; GOELLNER, 2003).

Ao realizar a educação sexual de crianças e de adolescentes é importante que a escola aborde a sexualidade, entretanto esta abordagem deve ser realizada através de discussões e problematização da relação de gêneros. Portanto o processo educativo deve ser sistemático, estar interessado na discussão crítica dos modelos de desigualdade sexual e de gênero (CARVALHO; RODRIGUES; MEDRADO, 2005).

A importância que a escola tem na formação de valores e conhecimentos relacionados à sexualidade e ao gênero é muito grande. Louro, Neckel e Goellner (2003) enfatiza que é importante reconhecermos que a escola não reproduz ou apenas reflete as concepções de gênero que circulam na sociedade, mas que ela mesma as produz através de atitudes dos próprios professores, de atividades e da própria dinâmica da escola a qual muitas vezes, reflete as desigualdades de gênero, favorecendo nos próprios alunos o preconceito e a discriminação.

Idéia Central G –Dificuldades relacionadas com a educação recebida

A gente nunca teve uma orientação sexual. Quando menstruei pela primeira vez, levei um susto, minha mãe não falava nada, não beijava ninguém, era seca. O meu pai e a minha mãe nunca sentavam e falavam sobre sexualidade, é de família, isso fica marcado (F1,F2) só que hoje eu tenho que agir de outra forma ,é difícil conversar sobre sexo,você fica meio

retraída, envergonhada. Quero ver se crio coragem e chego a conversar com elas, é difícil (F8). Eu lembro que quando era pequena meu pai, ficava de olho, com medo porque a gente morava no interior, a minha mãe é muito rígida, ficou viúva com 36 anos, acha que a mulher tem que ter só um homem, falava que tinha que se cuidar, que sexo era só depois do casamento (F4, F5). Eu fui criada nisso..é complicado, soffro...(F4). Na minha geração se eu perguntasse qualquer coisa, era surra na certa, a gente ouvia "a vida ensina, não precisa ensinar." Era medo de incentivar (F7). Nós não fomos educados assim nunca vai ser fácil, a gente enfrenta porque tem que enfrentar, venho de uma família de Italianos, daqueles durão, pessoas humildes, com pouca educação, pouca instrução, não sobrava muito tempo para uma conversa normal, imagine sexual (F10).

Alguns pais revelam ter vergonha e sentirem-se constrangidos em abordar o assunto sexualidade com os filhos. Ao ouvir o relato dos pais, participantes deste estudo, sobre quais eram as dificuldades encontradas para falar com seus filhos sobre sexualidade, várias lembranças vieram à tona e eles não conseguiram esconder que a maneira como tinham sido educados, principalmente, em relação à sexualidade teria deixado marcas que estavam presentes até hoje, o que dificulta a comunicação e transmissão de conhecimentos e valores.

Muito do que ouvimos e aprendemos sobre sexualidade no ambiente familiar acabamos reproduzindo para nossos filhos. É muito raro que a educação recebida não influencie positiva ou negativamente um indivíduo. Para Najera (1989), a família pode ser considerada a célula primária e vital da sociedade, portanto o ambiente familiar exerce grande influência na formação dos filhos. Para o autor, há necessidade dos pais ensinar os seus filhos a serem responsáveis por suas decisões, inclusive as que estão ligadas à sexualidade, o respeito, as diferentes maneiras de pensar, para assim evitar lacunas nos valores e princípios morais adotados pelas famílias.

Vivemos um momento de crise de valores entre as famílias, pois os pais da geração atual de adolescentes são, em sua maioria, os que viveram sua adolescência em uma época de rebeldia e que agora ficam divididos entre o autoritarismo e a permissividade (CHIMELLI, 2005).

Pais que tiveram uma educação extremamente repressiva e autoritária onde o sexo era visto como algo pecaminoso, sujo e somente praticado com fins para fins de reprodução, entram em conflito com seus filhos adolescentes por, muitas vezes, não concordarem com suas idéias, gerando ainda mais conflitos entre as gerações e como consequência dificuldades de relacionamento.

É importante que os pais admitam que nem sempre seus valores ou idéias vão ao encontro das necessidades dos filhos e que o adolescente recebe uma carga negativa através da educação repressiva ou da indiferença dos pais (COSTA,1986).

Devido a isto, é essencial que os pais revejam suas atitudes frente às indagações dos filhos sobre sexualidade, deixando para trás preconceitos e estereótipos construídos a partir da educação recebida.

Os adolescentes acabam entendendo a sexualidade conforme ela é vista e vivida pela família, portanto, ao falar de sexo é fundamental deixar claro que ele faz parte do relacionamento amoroso entre as pessoas e como tal deve ser visto como algo natural (NOLTE; HARRIS, 2005).

Reverendo a evolução da sexualidade, conseguiremos entender o porquê, em nossa sociedade, ela está envolta em preconceitos e tabus, ou seja, isso ocorre devido a herança cultural vivida e transmitida pelas famílias.

Esta dificuldade em desvincular-se de preceitos religiosos e mitos impossibilita os pais de manter um diálogo franco e aberto e entender as manifestações presentes de uma sexualidade aflorada própria da adolescência (CANO, 1997).

Idéia central H - Dificuldade de comunicação entre pais e filhos

Eles não querem ouvir o que a gente fala, ficam com vergonha (F1, F2, F3,F9) já preferem conversar com as amigas por achar que a gente está tirando sarro...Eu tenho vergonha de conversar com ela, mas eu tenho que criar coragem e conversar sobre sexo (F1,F2,F8) meu marido não é muito assim de chegar conversar com ela, é mais restrito a outras coisas, não tem jeito para chegar até ela...ela já corta ele (F4). Eles só tem tamanho, não tem discernimento de saber o que é o sexo em si. Às vezes dá medo de ser muito aberta e estar querendo empurrar para sair com alguém, induzir...É difícil... fico constrangida (F5,F6,F7). É complicado é difícil falar com a sua filha sobre educação sexual porque ela é uma criança, tem 17anos, e eu sou uma pessoa tímida. Talvez pela falta de costume de falar de sexo (F10).

Alguns pais, participantes deste estudo, relataram ter dificuldade de orientar seus filhos sobre sexualidade, pois eles não conseguem se comunicar com os filhos pois não possuem coragem para abordar alguns assuntos sobre sexualidade, devido o desinteresse dos filhos para escutá-los ou seu constrangimento para falar sobre o tema.

Uma das tarefas mais árduas dos pais é estabelecer uma comunicação harmônica e eficaz com seus filhos adolescentes,para que possam se fazer escutar,

conseguir que o filho entenda suas preocupações, seus anseios, suas angústias diante de tantos riscos aos quais os jovens estão expostos. Do outro lado, estão eles, os adolescentes, cheios de energia, de vontade de conhecer o mundo, enfrentar desafios, mas sem muita paciência de ouvir o que os pais querem falar, ensinar.

Alguns pais, participantes deste estudo, referem que apesar de tentarem conversar com seus filhos a maioria deles prefere conversar com os amigos. Nesta fase os amigos representam tudo, é para quem os adolescentes podem contar os mais profundos segredos e desejos, compartilhar medos e angústias sem serem julgados.

Apesar de todas as dificuldades encontradas nesta relação e do afastamento que ocorre entre pais e filhos nesta etapa de vida, é necessário que os pais sejam firmes e não deixem de falar com seus filhos, pois eles ainda continuam sendo os mais importantes educadores, inclusive sobre sexualidade (CANO; FERRIANI, 2000).

Torna-se importante ressaltar que a comunicação entre pais e filhos, na adolescência, é algumas vezes difícil, pois a adolescência é uma fase de grandes mudanças e, também, de grandes perdas. O adolescente precisa tornar-se independente dos pais e encontrar a melhor maneira de se realizar e de se firmar como indivíduo, frente à sociedade em que vive. Normalmente, eles começam a criticar os pais, pois de alguma maneira eles precisam destruir a imagem de pais perfeitos para conseguirem seguir em frente e serem adultos bem resolvidos e independentes (ZAGURY, 1999).

A autora explica que para os pais também não é fácil ver o filho independente, querendo agir sozinho, dispensando sua ajuda e carinho. Muitas vezes, é um período sofrido para ambos, porém é necessário viver este momento tendo consciência de que ele é necessário e importante tanto para os pais como para os filhos.

Corroborando com esta idéia Wagner; Carpenedo; Melo e Silveira (2005), referem que justamente por ser a adolescência uma etapa decisiva no processo de desprendimento do filho, da família, onde ocorre um movimento de independência e autonomia, e nela o jovem volta-se principalmente para o meio social e apóia-se no seu grupo de iguais, ou seja, nos amigos e na turma. Os pais precisam saber que,

geralmente, não há nada de errado com eles e que nesta época a família já não é o mais importante para eles, sendo comum uma certa rebeldia e contestação.

Para Wilson (1998), existem várias razões para que os pais continuem a se comunicar com os filhos entre elas: por que os pais os amam e buscam constantemente o melhor para eles; conhecem mais as necessidades dos filhos; transmitem valores familiares sobre a vida e são verdadeiros guardiões dos filhos protegendo-os.

O tipo de família e a dinâmica familiar podem interferir no processo de comunicação com os filhos adolescentes facilitando ou dificultando-o. Famílias mais rígidas, onde os pais tentam impor suas idéias e demonstram não confiar nos filhos, a dificuldade de comunicação costuma ser mais freqüente. Quando isso ocorre a família deve aumentar a flexibilidade das relações familiares e com isso tentar diminuir as tensões e facilitar os movimentos de independência dos filhos (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Em se tratando de falar sobre sexualidade a comunicação entre pais e filhos, pode se tornar mais difícil no período da adolescência, pois os filhos podem sentir-se constrangidos e inibidos ou, porque para os pais é difícil falar sobre o assunto devido sua herança cultural e aos tabus sobre o sexo (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Idéia Central I - Mais acesso à informações

Ela é bem instruída, sabe como fazer tudo, tem todas as informações. Muitas vezes sabem mais do que nós. Sabe como engravida, o que acontece quando ocorre a menstruação, como prevenir doenças. São assuntos que já dominam. As vezes dão aula para gente (F1,F4,F9,F10). O meu filho só vai fazer alguma besteira sexualmente falando porque quer, não por falta de conhecimento (F2) porque as informações que eu iria passar, ele já tem. É bem consciente, responsável, já foi em palestra para adolescentes (F7,F8,F9). Ele tem muito mais informações do que nós tínhamos antigamente. É a evolução (F10).

Os pais, participantes deste estudo, relatam que em algumas situações os filhos parecem dar aula sobre determinados temas relacionados a sexualidade, fazendo com que eles se sintam surpresos e ao mesmo tempo mais tranquilos em saber que seus filhos já possuem informações.

Entretanto, até pouco tempo, as crianças eram poupadas de informações sobre questões relacionadas á sexualidade por se achar que isto incentivaria seus pensamentos e estimularia a prática de relações sexuais (TIBA, 2005).

Hoje as coisas já não se apresentam da mesma forma, pois nunca se falou tanto sobre sexualidade e sexo. A família e os profissionais envolvidos com os adolescentes fornecem diversas fontes de informações visando uma vivência saudável da sexualidade. A quantidade de informações que nos é transmitida via internet, televisão, revistas e propagandas realmente é muito grande. Temas como anticoncepção, DST, Aids, gravidez precoce, são discutidos diariamente e expostos aos adolescentes (MURARO, 2004).

Tudo isto faz com que o adolescente, de hoje, seja bem informado e tenha mais acesso á informações sobre sexualidade, porém é importante salientar que este fato não quer dizer que tenham mais consciência dos riscos aos quais estão expostos e que sejam mais responsáveis por seus atos. Deve-se, também, salientar a qualidade e o direcionamento dado às informações fornecidas, pois nem todas vão de encontro aos valores e costumes da família (GOMES et al, 2002).

Em sua dissertação de mestrado Paschoalick (2007), cita que são inúmeras as publicações e programas direcionados para adolescentes entre eles a autora cita o PROSAD – Programa de Saúde do Adolescente que é fundamentado em uma política que visa a promoção de saúde, detecção precoce de agravos entre outras ações.

Hoje, as informações são mais difundidas do que eram em outras épocas, com isso realmente as crianças e os adolescentes acabam tendo mais acesso á conhecimentos relacionados com a sexualidade como as mudanças e transformações próprias da sua etapa de vida, namoro, gravidez, relação sexual, homossexualismo, drogas dentre muitos outros (CRIVELARI, 2007).

O jovem brasileiro, de hoje, é muito diferente do jovem que muitas vezes é caracterizado nas novelas e filmes ou programas de televisão. A maioria deles tem muita capacidade de análise, de crítica e de julgamento, porém, tem as mesmas angústias e imaturidade que são próprios desta etapa de vida. Para os pais de certa forma é bom saber disso, pois este fato tranquiliza, fazendo-os sentirem-se menos desapontados com seus filhos (ZAGURY, 2002).

Para a autora, é fundamental que os pais entendam que vivemos numa época em que os jovens aprendem a prática da sexualidade bem mais cedo. Devido a isso é necessário que os pais evitem tratar do assunto como se fosse impróprio para os adolescentes e assumam valores, idéias e posições sobre as questões sexuais, que realmente acreditam.

4.2.4 Ajuda na orientação sobre sexualidade

Ao realizarmos a pergunta: “Que tipo de ajuda você gostaria de receber para melhor poder orientar seu filho sobre sexualidade?”. Os pais nos forneceram dados, dos quais foi possível retirar as seguintes IC:

- A. Ajuda profissional
- B. Grupo de pais
- C. Fonte de informações
- D. Próprio projeto
- E. Trabalhar afetividade

Idéia Central A - Ajuda profissional

F1 - Acho que um psicólogo, que orientasse mais, que fosse mais direto, conversasse e discutisse mais o assunto (F1, F8, F10). A enfermeira tem mais facilidade para conversar, porque tem mais conhecimento do que acontece. Alguém que passe mais informações para que eles possam se abrir, não sei uma pessoa diferente, que eles não vêem todo dia. Uma professora eles escutam mais do que as mães (F1). Alguém que sentasse com ela porque eu não me sinto a vontade, eu não sei como explicar corretamente o lado sexual, pelo menos na minha ótica (F2, F3). A escola poderia orientar como a criança vai absorver isso, como a gente poderia falar que não assuste a criança. Alguém que sentasse com ela porque eu não me sinto a vontade, eu não sei como explicar corretamente o lado sexual, pelo menos na minha ótica. Se tivesse alguma indicação poderia ser palestras, fitas... Nesse sentido, tudo que você pudesse proporcionar seria bom (F2,F3,F9). Qualquer ajuda, não sabemos se é emocional...se é sexual, a gente não sabe!(F10).

Os pais, participantes deste estudo, referem necessitar de ajuda profissional para promover a educação sexual de seus filhos. Dentre os profissionais citados encontramos o psicólogo, enfermeiro, professores e pessoas que possuem mais informações, portanto é preciso que os profissionais estejam preparados e capacitados para atender as necessidades frente às questões da sexualidade referidas pelos pais e adolescentes prevenindo problemas, diminuindo tensões e conflitos.

A adolescência é uma etapa de vida em que os pais necessitam superar obstáculos diante das novas experiências vivenciadas pelos filhos. Como na maioria das famílias a sexualidade ainda é construída mediante mistérios e tabus, grande

parte dos pais não oferece informações necessárias sobre o assunto aos filhos, acreditando que esta é uma tarefa exclusivamente da escola ou de profissionais capacitados (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

A educação sexual, ofertada pela escola, pode ser considerada uma atividade sistemática, inserida nos currículos escolares por meio da disciplina de ciências. Normalmente esta disciplina dá enfoque estritamente biológico restringindo seu conteúdo à ensinamentos sobre o desenvolvimento do corpo, aparelho reprodutivo, relação sexual e DST, deixando de lado questões extremamente importantes, ligadas à sexualidade, como afetividade, auto-estima, relações familiares, namoro, virgindade entre outras.

Cada vez mais, torna-se necessário trabalhar as questões da sexualidade com os adolescentes e as famílias visto o aumento do número de DST, uso de drogas, gravidez precoce e abuso de álcool. Porém, para realizar um trabalho de educação sexual é preciso muito mais que o conhecimento dos conteúdos, é preciso sensibilidade, ética, profissionalismo, afetividade e principalmente respeito aos valores e crenças do outro.

Os adolescentes, segundo Carvalho e Barros (2000), representam aproximadamente 20 a 30% da população do mundo, número que vem aumentando nas regiões urbanas dos países emergentes. Com isso, percebe-se uma preocupação maior entre os profissionais da área da saúde e da educação em relação à promoção da saúde destes indivíduos, necessitando criar mais espaço para que eles possam receber atendimento integral.

A preocupação destes profissionais não deve se limitar apenas ao adolescente, mas também às suas famílias, pois ao preparar os pais para o enfrentamento das particularidades que ocorrem na adolescência o profissional está promovendo a saúde e qualidade de vida de ambos, adolescentes e família.

Por ser a família o berço cultural do indivíduo, ela também deverá ser levada em consideração no planejamento do cuidado o qual deverá focar as necessidades e expectativas do adolescente e da família (THIEGO; OLIVEIRA; RODRIGUES *apud* SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Segundo Sousa, Fernandes e Barroso (2006), os elementos culturais sobre questões da sexualidade estão sempre presentes nas famílias o que acaba, em algumas vezes, dificultando o trabalho de profissionais na capacitação de pais para orientar seus filhos sobre sexualidade.

Estudos de Brêtas e Silva (2005), apontam para as dificuldades que os pais vivenciam ao lidar e orientar a sexualidade dos filhos adolescentes faz com que eles, algumas vezes, transfiram o seu papel de educador, a terceiros.

Quando falo de profissionais, refiro-me a todos os que estão capacitados para atender os adolescentes e realizar a educação em saúde, mais especificamente na área da educação sexual. Por ser enfermeira e conhecer melhor a profissão e a grade curricular deste curso optei por falar mais sobre a atividade de educação sexual praticada pela enfermeira.

Ela está habilitada para realizar a atividade de educação sexual, uma vez que é sua função implementar educação em saúde à população sob seus cuidados. Para isso, possui conhecimento não só da área biológica, mas também, de outras áreas como a psicologia, a sociologia, antropologia, pedagogia entre outras. Estes conhecimentos são fundamentais para a realização desta atividade visto sua complexidade.

Os cuidados de saúde destinados ao adolescente continuam exigindo novas propostas de intervenção e novos olhares destes profissionais, para melhor compreender todos os processos que envolvem este sujeito e os diferentes agravos em saúde aos quais eles estão expostos (RAMOS, 2001).

Para a autora a Enfermagem tem importante responsabilidade na educação em saúde dos adolescentes, pois é através da educação que a enfermeira poderá estimular a busca pela autonomia e responsabilidade, tanto de meninas como de meninos adolescentes, para que eles sejam capazes de cuidar da própria saúde. Ao realizar atividades educativas que envolvam o adolescente e toda sua família, toda a rede de relação do adolescente a enfermeira poderá criar vínculo e melhorar a qualidade de vida destes indivíduos.

Para Brandão (2007), o trabalho de educação preventiva, ligado à sexualidade envolve a definição de atividades que contemplem a formação integral do indivíduo e a participação efetiva de todos os integrantes que fazem parte do universo do adolescente. Para uma orientação sexual eficaz é preciso credibilidade nas ações preventivas, posturas seguras e assertividade como, também, capacitação profissional.

A orientação sexual consiste basicamente em seguir os seguintes objetivos: diminuir as lacunas de informação do adolescente; trabalhar com os preconceitos, principalmente os relacionados ao machismo e feminismo; discutir conflitos próprios

da adolescência e dar espaço para que o adolescente expresse suas angústias (BRÊTAS; SILVA, 2005).

Esta atividade dá oportunidade ao adolescente de conhecer os próprios limites, reconhecer as ameaças às quais está sujeito, criar maturidade e responsabilidade diante do sexo e ainda fazer com que ele reflita e questione sobre o melhor caminho a ser trilhado (SAYÃO, 2007).

A educação sexual serve também a todos os envolvidos, adolescentes, professores e familiares, como uma experiência de crescimento pessoal e de aprendizagem e também uma prática preventiva.

Idéia Central B - Grupo de pais

Eu penso que o que ajudaria é participar de grupo de pais que tenham filhos na mesma faixa etária para trocar experiências perceber qual é a visão dos pais em relação à isso... então eu gostaria de ter uma troca, porque às vezes você também se acha bem preparado e acaba deixando de ter outros pontos de vista (F6,F7) Uma ajuda dessas seria uma ajuda mútua... De repente quando várias pessoas se encontram, trocam idéias, enriquece bastante. Eu acho que isso iria ajudar (F7).

Alguns pais, participantes deste estudo, referem que participar de grupo de pais, onde pudessem discutir, refletir e trocar experiências sobre a educação dos filhos os ajudaria a orientá-los melhor sobre sexualidade.

Quando os indivíduos são colocados em grupos e estabelecidos objetivos eles acabam se posicionando em função da coletividade e repensam conceitos sobre idéias já incorporadas. Este tipo de atividade é capaz de agir sobre os participantes fazendo-os modificar hábitos e rever crenças (MAFFACCIOLLI; LOPES, 2005).

O grupo de pais é um recurso que produz um clima bastante rico e que propicia a troca de experiências a partir da perspectiva do outro. Permite a percepção do problema do outro fazendo enxergar que sua família não é a única nesta situação (CANO; FERRIANI; MUNARI, 1995).

A autora relata, ainda, que em suas atividades com adolescentes percebeu que a dificuldade de relacionamento entre pais e filhos é uma constante e que este tipo de recurso ajuda, porque busca a sensibilização, a interação e o estímulo à criatividade dos pais.

Acredito que o grupo de pais possa ser considerado um facilitador para a realização do trabalho da enfermeira junto aos adolescentes e suas famílias. Na concepção de Maffaccioli e Lopes (2005), esta técnica de trabalho abre espaço de reflexão aos pais e serve como instrumento que busca melhorar a relação entre pais e filhos.

Esta atividade permite uma aproximação entre as próprias famílias dos adolescentes, criando uma atmosfera de solidariedade e amizade entre os pais, onde acontecem valiosas trocas de experiências e informações, ajudando-os a enfrentar as dificuldades trazidas pela adolescência dos filhos com mais segurança e naturalidade.

Idéia Central C - Fontes de informações

Através de informativo, de dicas, palestra para os pais, panfletos informativos, algum livro. Indicar uma leitura acho super legal..., interessante porque quanto mais a gente ler mais tem informações (F1,F3,F6,F9). Porque o rádio, a televisão e a internet, passam informações da relação sexual, da prevenção de doenças porque amor não enche barriga de ninguém... só de filho! (risos) (F1).

Os pais, participantes deste estudo, referem que gostariam de obter ajuda para se prepararem para executar a educação sexual de seus filhos através de diversas fontes de informações como: livros, palestras, panfletos e dicas. Eles, de forma sutil, criticam as informações ofertadas pela mídia.

Muitos pais, com a finalidade de aprimorar seus conhecimentos a respeito das mudanças e transformações que ocorrem com seus filhos adolescentes, acabam fazendo uso de outras fontes de informações como livros, documentários, filmes, revistas, manuais de auto-ajuda, literatura científica e outros.

Neste sentido é importante que os pais busquem informações, entretanto eles devem ter cuidado com o conteúdo e a qualidade destes materiais educativos, pois conforme o modo como estes materiais tratam as questões relacionadas à sexualidade eles podem influenciar a maneira como os pais irão orientar seus filhos.

Para Crivelari (2007), é preciso passar a mensagem de que o sexo está relacionado a sentimentos e deve ser praticado com responsabilidade. Também deve explicar, em profundidade, as questões que envolvem a sexualidade.

A educação sexual é um processo informal pelo qual aprendemos sobre sexualidade ao longo da vida através de diferentes maneiras, da família, da religião, da comunidade e outras fontes de informações como os livros e a mídia (JARDIM; BRETAS, 2006).

A construção do conhecimento sobre sexualidade requer a busca constante de informações e aprimoramento, o que pode ser obtido através de várias fontes de informações como materiais educativos, livros, televisão, CDs, rádio, Internet que ajudem os pais a estarem e sentirem-se melhor preparados para realizar esta árdua tarefa de orientar a sexualidade de seus filhos, principalmente dos adolescentes (TIBA, 2005).

Idéia Central D – Orientação sexual realizada na escola

A educação sexual realizada na escola é muito interessante porque faz refletir. Você discute e reflete fazendo com que as crianças prestem mais atenção naquele profissional que está falando, do que na própria mãe (F5,F9). A minha filha na 6 série, começou a despertar...teve dificuldades com paquerinha... foi bem difícil. Daí a professora começou a conversar com eles e ela foi despertando mais um pouquinho. Acho que o que mais importa é a conversa com as crianças, tem que conversar (F4). De repente, você, como enfermeira, pudesse falar o que é importante que as mães falem com seus filhos sobre sexo (F9).

Alguns pais, participantes deste estudo, referem aprovar a Educação Sexual ofertada na escola e relatam sua importância para as crianças e famílias. Eles exteriorizaram que gostariam de receber orientação dos profissionais que realizam esta ação, do que falar para os filhos sobre sexo.

A escola onde foi realizada a pesquisa desenvolve um projeto de Educação Sexual com crianças e adolescentes, o qual atende o PCN onde a sexualidade deve ser trabalhado junto às outras disciplinas e envolver as famílias.

A realização desta prática visa multiplicar e difundir os conhecimentos sobre sexualidade entre professores, alunos e pais de maneira interdisciplinar, no sentido de viabilizar a reestruturação das formas tradicionais de ensino nas escolas, onde o tema não era incluído (TONATTO; SAPIRO, 2002).

Ainda de acordo com as autoras esta reformulação da grade curricular é necessária à medida que a base tradicional do ensino na maioria das escolas, públicas e privadas, não possibilita um trabalho diferenciado e integrado, pois

normalmente está fundamentada em princípios e objetivos que não contemplam a diversidade cultural e os valores dos alunos e da família.

O desenvolvimento do projeto de Educação Sexual, nesta escola, proporcionou uma reflexão dos pais sobre a sexualidade dos filhos, sobre sua própria sexualidade e quais as melhores formas para passar as informações.

Muitos pais relatam Muitos que através do projeto os próprios filhos começaram a falar e perguntar mais sobre questões relacionadas à sexualidade, pois ele permite discussões, estimula o pensamento crítico à respeito de vários assuntos atuais sensibilizando os adolescentes a pensar como é sua postura diante de determinado tema.

É importante buscar práticas inovadoras onde se possa trabalhar as questões acerca da sexualidade de uma forma mais contextualizada possibilitando desta forma a abertura de um espaço diferenciado para a reflexão e discussão com pais e adolescentes sobre temas emergentes relativos à sexualidade (TONATTO e SAPIRO, 2002).

Idéia Central E – Trabalhar afetividade

A professora explicou em sala de aula a relação sexual em si, o uso da camisinha, mas não explicou os detalhes. Ela colocou o sexo como algo aberto, como atração, sem sentimento, sem amor. Colocou sexo no geral, não comentou que sexo deve ser feito com amor, não teve isso (F4). A escola ensina o que é técnico, as transformações do corpo, DST, a gente precisa que ensine, alguma coisa no sentido afetivo que pudesse ajudá-las, neste sentido mais emocional do que a parte sexual e também a parte de relacionamento, de namorar, de ficar, transar (F8, F9,F10). Mas, cada pessoa tem um pensamento diferente (F4).

Os pais, participantes deste estudo, relataram a importância do ensino sobre sexualidade na escola, porém, este processo não deve estar direcionado somente ao sexo, ao ficar,mas deve incluir o amor, a emoção, o namoro.Os profissionais devem fornecer conhecimentos que ajudem os adolescentes a viver a sua sexualidade de forma saudável, harmônica, prazerosa e responsável, principalmente aqueles que estão descobrindo e vivenciando o ato sexual pela primeira vez.

Para Polak; Maia e Lisniowski (1998), falar de sexualidade é falar de vida, falar de tudo aquilo que foge aos padrões rigorosamente impostos, é em algumas vezes dizer o não dito, o subjetivo, é invadir um terreno ao mesmo tempo conhecido e desconhecido por todos. Muitas vezes as questões da sexualidade são abordadas

especificamente no sentido sexual, deixando-se de lado a afetividade e tudo que a envolve. Por isso, é preciso ensinar o respeito pela vida humana e o verdadeiro conhecimento da sexualidade.

Quando falo de afetividade refiro-me ao amor, carinho, afeto e tudo que diz respeito a esses sentimentos. É nesse sentido que amor e sexualidade deveriam formar um binômio indissociável, justamente porque a vida sexual é muito importante para a vida das pessoas, sendo que ocultá-la seria o mesmo que ignorar uma de suas principais dimensões do ser humano (WILSON, 1998).

Ao trabalhar sexualidade com os adolescentes, devemos incluir questões relacionadas ao corpo, ao aparelho reprodutor, mas, também, de sentimentos de auto-estima, temores e angústias, alegrias, tristezas.

É importante que os profissionais saibam ouvir as necessidades do jovem, e não simplesmente usem protocolos ou atividades prontas, os quais, muitas vezes, não vão de encontro as suas reais necessidades.

Para Londoño (1998), educar afetividade é mais que estruturar uma série de normas e conteúdos teóricos, é criar um ambiente físico, afetivo, psíquico e espiritual que possibilite um ótimo desenvolvimento do ser humano a partir do conhecimento das necessidades de cada pessoa como processo global.

O autor ainda destaca a importância de despertar no adolescente, sentimentos de aceitação e de apreciação de sua própria pessoa, pois ninguém pode valorizar e respeitar o outro sem antes gostar, aceitar, valorizar e respeitar a si próprio.

Ele refere que não é só a família que desenvolve a educação sexual dos adolescentes, mas toda sua rede de relação, que este processo deve ir além do ensinamento das funções sexuais e reprodutivas do ser humano, e incluir principalmente valores como: amor, respeito, solidariedade, aceitação e responsabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu identificar como os pais orientam seus filhos sobre sexualidade, como se sentem diante deste desafio, quais são suas facilidades e dificuldades.

A adolescência é uma etapa de vida marcada por diversas mudanças e transformações no plano físico, psíquico, social e espiritual, onde meninas e meninos descobrem um mundo novo e uma maneira diferente de ser e agir. É nesta etapa de vida que o ser humano desabrocha para a sexualidade e, geralmente, inicia sua vida sexual.

A família ao se deparar com os filhos na adolescência, é tomada por dúvidas, anseios, angústias, expectativas, principalmente relacionadas à sexualidade. Neste processo, muitas vezes, elas sentem-se incapazes de orientar, ajudar seus filhos a enfrentar esta nova vivência e educá-los para exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade.

A educação sexual não é uma tarefa fácil, seja ela desenvolvida pela família, pela escola ou por qualquer profissional, porque ela envolve, valores, mitos, ritos, costumes, crenças, tabus e preconceitos das pessoas envolvidas.

Os familiares, participantes deste estudo, revelam o quanto a orientação sexual de seus filhos adolescentes é uma tarefa complexa, delicada, difícil e o que fazem para melhor orientá-los sobre o tema.

Fazem menção à escola como importante aliada na educação sexual de seus filhos e compartilham a ideia de que esta instituição desenvolva ações que enfoquem questões que envolvam a sexualidade do adolescente procurando ajudar não só os alunos como também os pais.

Referem que a educação recebida por eles exerce grande influência na orientação sexual que eles dão aos seus filhos, pois, o tipo de orientação recebida de seus antepassados deixaram marcas que afetaram a maneira como a família percebe a sexualidade e, também, como a ensina aos seus filhos. Os pais usam exemplos de sua própria educação para expor o quanto alguns foram impedidos de olhar as questões da sexualidade com mais naturalidade.

Apesar de viverem em uma sociedade mais permissiva em relação a prática sexual, os pais, participantes deste estudo, procuram transmitir à seus filhos valores, princípios e costumes transmitidos através da herança cultural. Eles referem que a educação sexual não deve abordar apenas o ato sexual e suas implicações, mas também, o respeito por si e pelo outro, a responsabilidade pelos atos e as conseqüências de suas escolhas.

A afetividade e a responsabilidade devem estar inseridas no processo de viver a sexualidade pelos adolescentes, devendo ser estimulados pela família e pela escola. Atentos à maneira como a sexualidade está sendo ensinada no espaço escolar, acham importante relacionar sexo com amor e não simplesmente como uma atração física ou prazer.

Para estes pais, cada família tem uma maneira de educar orientar seus filhos sobre sexualidade e muitos consideram a comunicação entre pais e filhos importante para estabelecer vínculo e melhor aproximação entre ambos.

Observa-se que as famílias desejam ser orientadas e apoiadas para melhor educar seus filhos sobre sexualidade porque os pais muitas vezes sentem-se despreparados, devido à herança cultural e as normas impostas pela sociedade. Muitos, além de sentirem-se incapacitados, sentem-se inibidos e constrangidos para expor ou falar com os filhos sobre sexualidade. Devido a isto, eles acham importante receberem orientação e informações de como agir para melhor educar seus filhos sobre como viver a sexualidade.

Deste modo, a enfermeira, enquanto profissional que realiza educação em saúde, necessita estar preparada para realizar o atendimento integral ao adolescente e a sua família, particularmente quando se refere à educação sexual, pois com isso promoverá qualidade de vida a estes indivíduos e prevenirá problemas futuros. Para isso, ela deverá desenvolver um trabalho voltado para as reais necessidades dos adolescentes, envolvendo suas famílias.

Além da enfermeira, é importante que outros profissionais que desenvolvem suas ações junto ao adolescente estejam capacitados para atender o que é preconizado pelos PCN em relação à sexualidade, procurando prepará-lo para vivenciar sua sexualidade de forma harmônica, prazerosa e responsável. Para isso é necessário implantar programas voltados para a assistência integral do adolescente que contemplem fatores biopsicosociais, econômicos e religiosos que envolvam os adolescentes e sua família.

No Brasil, as políticas de assistência ao adolescente preconizam que ele deve receber assistência integral que atenda suas necessidades. Portanto, os gestores destes programas não devem se preocupar apenas com a sua implantação, mas, também, com capacitação dos profissionais envolvidos considerando que os jovens são o futuro do país. Todos, governo, família, escola e sociedade não devem medir esforços para que os adolescentes sejam educados não só para exercer sua sexualidade, mas, principalmente, para exercer seus direitos com responsabilidade, sendo respeitados e respeitando o outro.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

AGUIAR, J. E. **A experiência da Co-Residência para idosas em família intergeracional**. 96 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

ALTHOF, C. R.; ELSEN, I.; NITSCHKE, R. G. **Pesquisando a família: olhares contemporâneos**. Florianópolis: Papa-livro, 2004.

ALVES, Z. M. B.; FISCHMAN, R. **Crianças e adolescentes: construindo uma cultura de tolerância**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2001.

AMARAL, M.A.; FONSECA, R.M.G.S. Entre o desejo e o medo: as representações sociais das adolescentes acerca da iniciação sexual. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, Ribeirão Preto, v.40, n. 4, p.469-476, dez. 2006.

ARAÚJO, T. L.; *et al.* Mães adolescentes: favorecimento da relação de ajuda. In: **Cultura e poder nas práticas de saúde: sociedade, grupo, família**. Fortaleza: UFC, 1999.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BETTO, F; FREIRE, P. **Essa escola chamada vida**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1986.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Lisboa : Porto Editora, 1994.

BORGES, A.L.V.; NICHATA, L.Y.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sócio-familiar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.14, n.3, p.422-427, maio/jun. 2006.

BOSI, M.L.M.; MERCADO, F.J. **Pesquisa qualitativa de serviços de saúde**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRAGA, C.Y.Y; BRAGA, D.M.; MIYAZAWA, E. **Aconselhamento sexual**. Curitiba: Wunderlich, 2003.

BRANDÃO, M.H.V.G. A educação preventiva em sexualidade na adolescência. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Disponível em <http://www.mariocovas.sp.gov.br/eds_a.phpt=002>. Acesso em: 4 dez.2007.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 4. ed. Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRÊTAS, J. R. da S. A mudança corporal na adolescência: a grande metamorfose. **Revista Temas sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 12, n.72, p. 29-38, abril/maio 2004.

BRÊTAS, J.R.S.; SILVA, C.V. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.18, n.3, p.326-333, jul./set. 2005.

BUONCOMPAGNO, E. M.; SARMENTO, R.C. Sexualidade. In: SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Saúde. **Adolescência e Saúde, comissão de saúde do adolescente**. São Paulo :Paris Editorial, 1988.

CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 2003.

CANO, M.A. **A percepção dos pais sobre sua relação com os filhos adolescentes: reflexos da ausência de perspectivas e as solicitações de ajuda**. 1997. 154 f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1997.

CANO, M.A.T.; FERRIANI, M.E.C.; MUNARI, D.B. O trabalho de enfermeiras junto à pais de adolescentes através da atividade grupal. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.18-22, jan./jun. 1995.

CANO, M.A.T.; FERRIANI, M.G.C. A família frente à sexualidade dos adolescentes. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.13, n.1, p.38-36, 2000.

CARIDADE, A. O adolescente e a sexualidade. In: Schor, N; Mota, M. S; Branco, C. B. (org.) **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, 1999.

CARTER,B.; MC. GOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CARVALHO, A.M.; RODRIGUES, C.S.; MEDRADO, K.S. Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v.10, n. 3, p. 377-384, jul./set. 2005.

CARVALHO, G.M.; BARROS, S.M.O. Fatores psicossociais relacionados à gravidez na adolescência. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.13, n. 1, p. 9-17, jan./abr. 2000.

CASTILLO, G. **O adolescente: rebeldia e evasão**. São Paulo: Quadrante, 1991.

CASTRO, M. G; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

CENTA, M.L. **Do natural ao artificial: a trajetória de um casal infértil**. Curitiba: Editora do Autor, 2001.

CHARBONNEAU, P. E. **Educação sexual: seus fundamentos e seus processos**. São Paulo: EPU, 1979.

CHIMELLI, M. **Amar os adolescentes**. São Paulo: Quadrante, 2005.

COLLI, A. S. Crescimento e Desenvolvimento físico. In: SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Saúde. **Adolescência e Saúde, comissão de saúde do adolescente**. São Paulo: Paris Editorial, 1988.

COROMINAS, F. **Educar, hoje**. São Paulo: Quadrante, 2005.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. 6. ed. Rio Grande do Sul: LPM, 1986.

CRIVELARI, M. **Trabalhar a sexualidade**: guia prático para professores de ensino fundamental. São Paulo: Editora Lua, 2007.

DIAS, A.C.G; GOMES, W.B. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.4, n.1, p. 79-106, jan. /jun. 1999.

EGYPTO, M.C.P. **Orientação sexual na escola**: um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2003.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO E SCHERING DO BRASIL. **Sexualidade, prazer em conhecer**: livro do professor. Rio de Janeiro: MCE, 2004.

ENGEL, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

GIRONDI, J.B.; NOTHAFT, C.S.; MALLMANN, F.M. A metodologia problematizadora utilizada pelo enfermeiro na educação sexual de adolescentes. **Revista Cogitare**, Curitiba, v.11, n.2, p.161-165, maio/ jun 2006.

GOMES, W.A. *et al.* Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v.78, n. 4, p. 301-306, out./nov. 2002.

HEILBORN, M. L. **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

HOZ, V. G. **Educação da sexualidade**. Lisboa: Die-L, 1998.

JARDIM, D. P; BRÊTAS, J. R. S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.59, n.2, p.157- 62, mar./abr.2006.

KNOBEL, M. Desenvolvimento Psicológico. In: SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Saúde. **Adolescência e Saúde**. São Paulo: Paris Editorial, 1988.

LABRONICI, L. M. **Eros propiciando a compreensão da sexualidade das enfermeiras**. 2002. 135f. Tese (Doutorado em Filosofia, Saúde e Sociedade),

Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

LARAIA, R.B. **Cultura**: um conceito antropológico. 19. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. Princípios básicos e conceitos fundamentais do discurso do sujeito coletivo. In: **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: Educs, 2003. p. 15-35.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. O sujeito coletivo que fala. **Revista Interface Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v.10, n.20, p.517-524, jul./dez. 2006.

LONDOÑO, A. S. **Educacion de la afectividad**: para el amor y la convivencia una alternativa a la educacion sexual. Santafé de Bogotá: [s.n],1998

LORENTE, A. **Educação da sexualidade**: sexo e cultura. Ponta Grossa : UEPG, 2004.

LOURO, G. L.; NECKEL, J. F; GOELLNER, S. V. **Corpo, Gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

MAFFACCIOLLI,R.; LOPES, M.G.M. Educação em saúde: a orientação alimentar através de atividades em grupo. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.18, n. 4, p. 439-45, out./dez. 2005.

MALDONADO, M.T. **Vida em família**: conversas entre pais e jovens. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MANDÚ, E.N.T. Adolescência: saúde, sexualidade e reprodução. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Adolescer**: compreender, atuar, acolher. Brasília: ABEn, 2001, p.61-74.

MARCON, S. S. **Família criando seus filhos**: um estudo em três gerações. Pelotas: UFPel, 1999.

MARQUES, M. de F. C.; VIEIRA, N. C.; BARROSO, M. G. Adolescência no contexto da escola e da família: uma reflexão. **Revista Saúde, Família e Desenvolvimento**, Curitiba, v.5, n.2, p.141-146, maio/ago. 2003.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORSE, J. M. **Assuntos críticos em los métodos de investigación cualitativa**. Bogotá: Contus, 2003.

MUNHOZ, F. J. S. **Vivências e Expectativas da paternidade, pelo adolescente, sob a ótica da família**. 119 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Paraná, 2006.

MURARO, R.M. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

NÁJERA, A.O. **Como ajudar os filhos**. Madrid: Palabra, 1989.

NIEDERAUER, O.H. **Toledo no Paraná**. Toledo: Grafo-Fet, 1992.

NOLTE, D.L.; HARRIS, R. **Os adolescentes aprendem o que vivenciam**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

NUNES, C.; SILVA, E. **Sexualidade(s) adolescente(s): uma abordagem didática das manifestações da sexualidade na adolescência**. Florianópolis: Sophos, 2001.

OLIVEIRA, D.C. *et al.* Pegar, ficar e namorar: representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.60, n. 5, p 497-502, set./out. 2007.

Organizacion Panamericana de la salud - OPAS. **Manual de medicina de la adolescência**. O.P.S/ O.M.S: Washington:DC; 1992.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

OSÓRIO, L. C.. **Casais e famílias: uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PASCHOALICK, R. C. **Saúde Sexual e Reprodutiva: representações e práticas do adolescente, sob a ótica da enfermagem.** 108 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

PINCUS, L.; DARE, C. **Psicodinâmica da família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

POLAK, Y.; MAIA, E.R.; LISNIEWSKI, S.A. Corpo, sexualidade e representações. **Revista Cogitare**, Curitiba, v. 3, n. 2, p.119-123, jul./dez. 1998.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem.** 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PRUST, L.W.; GOMIDE, P.I.C. Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v.24, n.1, p.53-60, jan. 2007.

QUINTELLA, A.; DIETERICH D. **Sexualidade.** 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1992.

RADINIZ, V. Promoção de saúde e qualidade de vida entre mães de pré-adolescentes: um estudo etnográfico focado em Timbó/SC/Brasil. **Revista Latino-Americana**, Ribeirão Preto, v. 13, n.1, p. 1135-41, mar./abril. 2005.

RAMOS, F.R.S. Bases para uma re-significação do trabalho de enfermagem junto ao adolescente. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Adolescer: compreender, atuar, acolher.** Brasília: ABEn, 2001, p.11-18.

RIBEIRO, M. Educação sexual na escola. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Sexualidade, prazer em conhecer.** Rio de Janeiro: MCE, 2004.

ROCHA, C.R.M.; TASSITANO, C.M.L.M.; SANTANA, J.S.S. Acompanhamento do adolescente na família. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Adolescer: compreender, atuar, acolher.** Brasília: ABEn, 2001, p.38-44.

SAITO, M. I Necessidades Básicas de saúde In: SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Saúde. **Adolescência e Saúde: comissão de saúde do adolescente.** São Paulo, Paris Editorial, 1988.

SAYÃO, R. **A educação sexual nossa de cada dia**. Disponível em <www.mariocovas.sp.gov.br/eds_a.php?t=001> . Acesso em 04/12/2007.

SIERRA, A. **Educação da sexualidade**. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

SILVA, I.; TONETE, V.L.P. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.14, n.2, p.199-206, mar./abr. 2006.

SIMIONI, I. ; LEFÉVRE, F. ; PEREIRA, I. B. **Metodologia Qualitativa nas pesquisas em saúde coletiva**: considerações teóricas e instrumentais. São Paulo: USP, 1997.

SIMONETTI, C. **Adolescência hoje**. São Paulo: ECOS, 1998.

SIQUEIRA, F. **Informação sexual**. São Paulo: Quadrante, 1986.

SIQUEIRA, M. T. de M. Adolescência. **Rev. Psicologia Brasil**, São Paulo, v.1, n.1, p.16-18, ago. 2003.

SOUSA, L.B.; FERNANDES, J.F.P.; BARROSO, M.G.T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.19, n. 4, p.408-13, out./dez. 2006.

SUPLICY, M. **Sexo para adolescentes**. São Paulo: FTD, 1995.

TIBA, I. **Adolescência**: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. São Paulo: Gente, 1994.

TIBA, I. **Adolescentes**: quem ama, educa! 10. ed. São Paulo: Integrare, 2005.

TONATTO, S.; SAPIRO, C.M. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Revista Psicologia e Sociedade**, Pelotas, v.14, n.2, p. 163-175, jul./dez. 2002.

VENTURA, M.; CORRÊA, S. Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. **Caderno de Saúde Pública**. , Rio de Janeiro, v.22, n.7, p.1505-09, jul. 2006.

VITIELLO, N.; CONCEIÇÃO, I.S.C. O exercício da sexualidade na adolescência – aspectos biopsicossociais. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo,v.1, n. 2, p.15-28, jul./dez. 1990.

WAGNER, A.; CARPENEDO, C.; MELO, L.P.; SILVEIRA, P.G. Estratégias de comunicação familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, Pelotas, v. 18, n. 2, p. 277-282, [jun./jul.] 2005.

WEREBE, M. J. G. Comportamentos sexuais na adolescência. **Revista Psicologia**, São Paulo, v. 7, n.3, p. 27-36, [abr./maio] 1981.

WILSON, M.A. **Guia Prática de Educacion y Sexualidad**. Madrid : Palabra,1998.

ZAGURY, T. **Encurtando a Adolescência: orientação para pais e educadores**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO PRÉVIO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Questão norteadora: Como você(s) vivencia(m) a educação sexual de seu(s) filho(s)?.

I - Itens de Identificação

Nome: _____

Idade: _____ Escolaridade: _____

Renda familiar: _____

Religião: _____

Descendência: _____

Número de filhos: _____ Estado civil: _____

II – Itens específicos da pesquisa

1. O que você entende por sexualidade?
2. Como você percebe o desenvolvimento da sexualidade de seu filho?
3. Como você orienta seu filho sobre sexualidade? Quais dificuldades e/ou facilidades encontradas?
4. Que tipo de ajuda você gostaria de receber para melhor poder orientar seu filho sobre sexualidade?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, pai ou mãe de aluno matriculado na 7ª. ou 8ª série desta instituição, fui selecionado para participar da pesquisa intitulada “a enfermeira no contexto da Educação sexual dos adolescentes e o olhar da família” Educação Sexual de Adolescentes: o olhar da família”. Para que eu pudesse decidir conscienciosamente sobre minha participação fui esclarecido sobre: o objetivo, o método , a técnica de coleta e análise de dados; a entrevista será gravada mantendo o anonimato do entrevistado; minha participação é voluntária pois terei a liberdade de recusar-me a participar, ou se aceitar poderei retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso cause nenhum dano ao meu filho e à mim; não terei ônus algum no decorrer do estudo; os dados obtidos serão divulgados em eventos e periódicos, mantendo o sigilo dos participantes do estudo.

Além disso, fui informado que a pesquisadora Ana Carla Campos Hidalgo de Almeida, enfermeira, psicopedagoga, mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Paraná, telefone: (45) 3379-1016 e celular (45) 9971-4950, e-mail: ana-carla.hidalgo@bol.com.br, poderá ser contatada para esclarecer eventuais dúvidas a respeito desta pesquisa.

Considero-me plenamente esclarecido sobre a pesquisa para qual fui convidado a participar, declaro que concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

(Assinatura do sujeito de pesquisa)
Local e data

ANEXOS

**ANEXO A - PARECER DO COMITÊ PERMANENTE DE ÉTICA EM
PESQUISA**

ANEXO B - AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Toledo, ____ de _____ de 2007.

Sra diretora,

Venho por meio deste, solicitar à V.S^a permissão para realização da pesquisa intitulada “*A enfermeira no contexto da educação sexual dos adolescentes e o olhar da família*”, nesta conceituada instituição. Para isso a pesquisadora compromete-se a preservar a privacidade e as normas da instituição e dos participantes, cujos dados serão coletados em forma de entrevistas gravadas e utilizados único e exclusivamente para execução do presente trabalho. Informo, também, que para melhor esclarecimento e compreensão do que será realizado, segue, anexo a cópia do projeto.

Certa de sua colaboração e providências agradeço,

Ana Carla Campos Hidalgo de Almeida

Mestranda

CPF: _____

RG: _____